



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CAMPUS IV
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

IRINALDO MANOEL DE ANDRADE

**RELAÇÕES DE PATRONAGEM NA FAZENDA CURRAL GRANDE -
ITAPOROROCA/PB**

RIO TINTO

Dezembro/2015

IRINALDO MANOEL DE ANDRADE

**RELAÇÕES DE PATRONAGEM NA FAZENDA CURRAL GRANDE,
ITAPOROROCA/PB**

Monografia apresentada ao Curso de
Antropologia da Universidade Federal da
Paraíba – UFPB, Campus IV.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Mura

RIO TINTO
Dezembro/2015

A553r *Andrade, Irinaldo Manoel de.*

*Relações de patronagem na Fazenda Curral Grande, Itapororoca/PB. /
Irinaldo Manoel de Andrade. – Rio Tinto: [s.n.], 2015.*

68 f. : il.

Orientador (a): Prof. Dr. Fabio Mura.

Monografia (Graduação) – UFPB/CCA.E.

1. Trabalho - relações. 2. Zona rural. 3. Antropologia.

Com extrema admiração e gratidão a Isabelisa Cordeiro e Silvana Inocência (*In memória*)
pelo exemplo de força, coragem;

Ao meu irmão Iranaldo (*In memória*) o qual me viu entrar na batalha, mas infelizmente não
está aqui para comemorarmos juntos a vitória;

Dedico!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado forças para enfrentar as dificuldades;

Aos meus pais Manoel Estevam e Ivonete Maria e meus irmãos;

Ao meu orientador, professor Dr. Fábio Mura pela confiança que depositou em mim;

Aos professores por passarem a maior riqueza que alguém pode ter: o conhecimento;

Aos grandes amigos Manoel, Walkíria e Ivanildo pela sua imensurável ajuda;

A todos os meus colegas pelo companheirismo, ajuda, e amizade;

A minha noiva Wégina Jordana, por seu companheirismo e Amor;

A todos que fazem a comunidade de Curral Grande;

Ao senhor Toinho, Joãozinho, Evangelista, Dona Turi que foram fundamentais para a conclusão deste trabalho;

Enfim, a todos que me ajudaram direta e indiretamente.

A TODOS, MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE DOMINAÇÃO E RELAÇÕES DE TRABALHO NO MEIO RURAL.....	11
<u>2. PROCESSO HISTÓRICO EM CURRAL GRANDE.....</u>	<u>18</u>
2.1 ASPECTOS DA ADMINISTRAÇÃO DA FAZENDA.....	24
2.2. JORNADA DE TRABALHO DOS MORADORES NA FAZENDA.....	29
2.3 A EMERGÊNCIA DOS PRIMEIROS EVANGÉLICOS	33
2.4. O ASSOCIATIVISMO NA COMUNIDADE.....	47
2.5 AS DECLARAÇÕES DE POSSEIROS	51
3. SITUAÇÃO ATUAL EM CURRAL GRANDE.....	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	666
REFERÊNCIAS.....	68

RESUMO

Uma das amplas questões discutidas no Brasil é a reforma agrária, visto que os proprietários prendem grande parte de terras cultiváveis muitas vezes com formas desonestas, para expropriar as pessoas que residem e precisam da terra para suas atividades de plantio familiar de subsistência. Os senhores de engenho seriam um exemplo destes. Neste trabalho, mostraremos um lugar onde existiu um senhor de engenho, todavia, este se diferenciava dos demais por ter uma dupla identidade. Assim sendo, os moradores passavam a ter um “duplo” respeito por este senhor. Este lugar se chama Curral Grande, um Sítio localizado no município de Itapororoca P/B. Procuraremos esboçar a história deste lugar e as relações entre as pessoas, através de trabalhos de campo, entrevista com moradores, que descrevem quem era este senhor de engenho, o que ele fazia e representava para os mesmos eles, a sua representatividade, como era seu comportamento, dentre outros pontos. Buscamos assim, trazer as implicações geradas por este senhor na vida dos moradores, suas ações, e as decorrências geradas após o fim dos trabalhos no engenho, e por fim a situação atual desta comunidade.

Palavras-chave: Religião, Família, Patronagem, Educação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Foto do capitão João Maria e dona Santa, pais do padre Antonio.

Figura 02- Genealogia do capitão João Maria aos dias atuais.

Figura 03- Foto da sede da fazenda.

Figura 04- Foto do casamento realizado pelo padre Antônio.

Figura 05- Foto do evento evangélico realizado na quadra poliesportiva local.

Figura 06- Foto do Evangelismo no sitio Curral grande.

Figura 07- Foto de Engenhos Curral grande desativado.

Figura 08- Foto da reunião na igreja Santo Antonio para tratar da medição das posses dos moradores.

Figura 09- Foto do senhor Antonio Madruga entregando a declaração de posse ao antigo administrador da fazenda, o senhor João Madruga.

Figura 10- Foto da escola da comunidade de Curral Grande, construída em 1978.

Figura 11- Mapa da descendência das famílias da fazenda Curral Grande.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como pretensão estudar as relações econômicas, religiosa, sociabilidade, entre outros pontos que norteiam as relações entre as famílias da fazenda Curral Grande. Por ser morador do sítio vizinho (Cipoal) e ver alguns contrastes entre ambos, procuro trazer algumas dessemelhanças entre a referida e os demais sítios vizinhos, delineando as implicações trazidas pela administração da mesma. Isto será feito a partir de entrevistas formais e informais com os moradores, pesquisa bibliográfica e trabalhos de campo.

A fazenda Curral Grande se encontra na zona rural de Itapororoca/PB, tendo, segundo a associação comunitária cerca de 90 famílias, o que equivale a aproximadamente 412 habitantes. O Curral Grande tem como base econômica a agricultura, pecuária, além de rendimentos oriundos de aposentadorias e programas sociais. Esta comunidade é originária da fazenda Curral Grande. Segundo interlocutores, no ano de 1900, esta fazenda pertencia ao senhor João Maria, tendo uma área de 916,34 hectares. O senhor João Maria tinha em sua propriedade, um engenho e casas de farinha, plantação de lavoura branca (mandioca, milho, feijão etc.), além de criação de gado. Para ajudar na manutenção deste patrimônio, ele tinha trabalhadores que residiam com suas famílias na fazenda, e ao passo que fosse necessário mais mão-de-obra contratava mais trabalhadores. Seus filhos o ajudavam no trabalho da fazenda. Um deles, Antônio Augusto, ingressou na vida religiosa, vindo a ser padre. Após a morte do senhor João Maria, este seu filho já havia sido ordenado padre e não se encontrava na localidade. Assim, ao saber desta notícia veio de imediato. O padre Antônio comprou a parte da herança de seus irmãos, passando assim a ser o proprietário da fazenda Curral Grande.

Com este ocorrido os moradores da fazenda passaram a ter um senhor de engenho padre, mas como o padre estava ordenando na igreja Matriz São Pedro e São Paulo em Mamanguape/PB, a fazenda passou a ser cuidada por um administrador, o padre vinha apenas nos finais de semana. Na fazenda havia uma capela, de Santo Antônio, que o senhor João Maria havia construído, e o padre mandou construir uma nova, de modo que, quando vinha para a fazenda, celebrava a missa. Estando lá, representava o senhor de engenho, patrão e ao mesmo tempo padre, ganhando digamos, que uma respeitabilidade dupla. Na sua ausência, como acontecia com a maioria dos senhores de engenhos, o administrador era quem tinha a autoridade para tomar certas decisões. Nos engenhos era comum chegar trabalhadores

pedindo trabalho, bem como uma moradia, e quando este conseguia passava a ser *morador* (PALMEIRA 1977). Com este cenário, as relações do *morador* com o administrador se tornava uma peça fundamental para se obter alguma forma de “benefícios”, já que eram submetidos ao seu senhor, vivendo em pequenas propriedades que o seu senhor cedia para que morassem e plantassem o necessário para se alimentarem. Esta residência se tornava uma forma de submissão dos moradores (GARCIA 1989).

Na fazenda, o padre Antônio disponibilizava uma professora para ensinar os filhos dos moradores, criando uma base fundamental para o desenvolvimento educacional destas crianças, contrastando com outras famílias que moravam nos sítios vizinhos, que não tinham esta base educacional. Além da educação escolar as crianças participavam da educação religiosa, participando da crisma, comunhão, e das demais atividades religiosas da igreja católica, aprendendo desde criança os preceitos religiosos. Toda esta base de ensino tornava-se fundamental no crescimento educacional e religioso dos filhos dos *moradores*, resultando em uma comunidade onde tem um grande número de pessoas formadas com o nível superior, e quase toda a população pertencentes ao Catolicismo. Nos últimos anos, tivemos nesta comunidade a emergência do Protestantismo, o que causou de imediato uma recusa por parte de alguns moradores. Sobre este fato iremos falar mais adiante.

No ano de 1972 o padre veio a falecer, deixando as terras em testamento para sua sobrinha Auxiliadora e seu esposo Antônio Madruga como usufrutuários, e após a morte de ambos, a terra passaria a ser de propriedade da Arquidiocese Paraibana. O senhor Antônio Madruga não seguiu com os trabalhos no engenho, e o mesmo, juntamente com as casas de farinha veio a parar de funcionar. Ele arrendou as terras para outras pessoas, e os moradores passaram a trabalhar para estes arrendatários, e permaneceram morando em sua casa e trabalhando em pequenos terrenos nos quais já trabalhavam. A entrada de novas famílias foi proibida, apenas as que já residiam permaneceram, bem como os filhos dos moradores que se casavam e construía as casas perto de seus pais, se em outro lugar, só com autorização do senhor Antônio. Os moradores se quisessem crescer seu roçado, tinham que arrendar terra. Para os moradores conseguirem algum tipo de benefício governamental tinha que recorrer ao senhor Antônio Madruga, para que este assinasse, comprovando que se tratava de um morador. Mas, estavam ocorrendo falsas assinaturas, e para não se ter mais problemas a este respeito, no ano de 2013 foi entregue aos moradores declarações de posse, constando que são moradores-possesores, nos capítulos a seguir veremos com mais detalhes este ocorrido.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE DOMINAÇÃO E RELAÇÕES DE TRABALHO NO MEIO RURAL.

Uma das grandes questões debatidas no Brasil é a reforma agrária, onde, grandes proprietários detêm grande parte das terras cultiváveis, bem como as formas desonestas que estes latifúndios costumam usar para desapropriar as pessoas que moram e necessitam da terra para sua sobrevivência. Podemos destacar dentre estes grandes proprietários o senhor de engenho, que detém uma grande propriedade de terra para o cultivo da cana-de-açúcar. Neste trabalho, temos a pretensão de estudar as relações entre e um senhor de engenho e seus *moradores*, bem como os resultados desta relação, haja vista o senhor de engenho que estudaremos era padre. Em especial, como dito, estudaremos a fazenda Curral Grande que se encontra na região rural do município de Itapororoca/PB. A referida era de propriedade de um senhor de engenho conhecido como Capitão João Maria, tendo uma área de aproximadamente 916 hectares. Tal propriedade após sua morte passou para seu filho, o padre Antônio Augusto, e mais adiante veremos como tais acontecimentos sucederam, trazendo à luz as atuais “implicações” provindas dessa administração, haja vista ser um padre o senhor de engenho, buscando contrastar as “decorrências” dessa administração em comparação com comunidades circunvizinhas.

Estas grandes propriedades sempre foram representadas no Agreste e no Brejo Paraibano pelos engenhos açucareiros, que também fabricavam aguardente, rapadura, entre outros produtos, por um lado, e enquanto que os *sítios* eram pequenas propriedades, voltadas para as pequenas plantações de *lavoura branca*¹, sempre voltados para a sobrevivência familiar. Nos engenhos, os cultivos eram feitos por trabalhadores submetidos ao senhor, pois estes residiam em pequenas propriedades cedidas pelo senhor do engenho, sendo então conhecidos como *moradores*, estando sujeitos ao seu senhor (PALMEIRA, 1977).

A residência era um “trunfo” nas mãos do senhor de engenho para manter o seu domínio. Esses *moradores* recebiam um pequeno pedaço de terra para morarem e plantarem ao redor da mesma para sua seu autoconsumo. Outra forma de fazer com que os moradores permanecessem no limite do engenho era uma organização da vida social, através de festas, práticas religiosas, dentre outras formas, “desviando-os e isolando-os do mundo social mais abrangente” (GARCIA, 1989, p. 46). Conforme ainda Garcia (1989) para correções mais

¹ Cultura como mandioca, macaxeira, milho, feijão, etc.

sérias os senhores de engenho usava de força física para castigar e fazer com que os moradores obedecessem.

Como dito, na fazenda Curral Grande, o senhor de engenho era um padre, o que contrasta com as características geralmente atribuídas a um senhor de engenho, homem autoritário, que usa da força física, entre outras formas de dominação. Uma forma de dominação situa-se na forma tradicional a qual “o tipo daquele que ordena é o ‘senhor’, e os que obedecem são ‘súditos’, enquanto o quadro administrativo é formado por servidores”. (WEBER, 1956, p. 131). Nesta situação, tais pessoas têm que obedecer ao seu senhor por fidelidade, não podendo violar ou quebrar as “regras” estabelecidas para serem seguidas. No caso de um senhor de engenho padre, podemos caracterizar nesta figura não apenas a forma de dominação tradicional, mas também, ainda seguindo Weber (1956) a forma carismática, haja vista ser um padre, uma figura carismática, um homem que lidera as pessoas para “o caminho de Deus”. Segundo o próprio Weber este poder persiste enquanto este líder mantém o seu carisma, o seu dom, seja qual for sua virtude, ou até que dure a fé dos que o seguem, e após a perda dessas qualidades, o seu domínio se tornaria caduco. Tal afirmação tem sua verdade, todavia, temos neste caso uma dúplici forma de dominação. Mesmo o padre perdendo sua dominação carismática, permaneceria com a tradicional, ou o inverso. Assim sendo, o padre Antônio teria na sua pessoa religiosa uma forma de legitimar ainda mais o seu poderio de senhor.

Os moradores dos engenhos quando em situação difícil pediam ajuda ao seu senhor, seja nos casos de doenças, mortes, dentre outras situações que necessitassem. Isto aumentava a imagem de um senhor de bom coração que estava ali para ajudar, e em troca, os moradores davam a sua porção de mão de obra como “gratidão” segundo GARCIA, (1989). Mas, no caso de Curral Grande tinha-se um senhor e padre, e este não poderia abandonar os *moradores*, posto que além de senhor, era padre. Os senhores de engenho moravam no engenho e tinha como atividade comandar o mesmo, tomar decisões e fazer com que sejam cumpridas, e tendo os seus administradores como pessoas que ajudavam a manter esta administração. O padre Antônio devido a sua atividade eclesiástica na cidade de Mamanguape/PB, não permanecia na fazenda todos os dias, mas apenas nos finais de semana. Quem ficava na administração do engenho e de toda a propriedade era o administrador. Neste caso, ter uma boa relação com o administrador significava muito mais que propriamente com o padre, esta boa relação levava a algumas regalias para ter mais terras para trabalhar.

“Meu pai tinha um bom pedaço de terra, ele não pagava foro, pois, só faltava morrer de trabalhar no eito, trabalhava os três dias, terça, quarta e quinta, e como ia pagar foro mais?” (Zezé).

Os trabalhadores têm o seu “patrão” como o meio pelo qual ganham o dinheiro para atenderem as suas necessidades, assim como melhorar de vida. Como disse Wolf (2003, p. 171) “o trabalhador deve procurar atender as necessidades pessoais do proprietário, acima e além das tarefas normais no campo”. Na nova *plantation* onde os trabalhadores ganham o mesmo salário as chances na vida são as mesmas, onde não vai ter relações com o seu “patrão” (WOLF, 2003).

No trabalho de limpa (capinar o mato) da cana, os trabalhadores trabalhavam em turma, e o administrador ficava fiscalizando o trabalho, mas, por ter outras obrigações, este tinha que se ausentar deixando um dos seus trabalhadores que tinha um bom relacionamento para “puxar” (trabalhar mais rápido para que os demais o acompanhem sem estarem parando na ausência do administrador). Devido a este relacionamento com o administrador, este trabalhador tinha uma diferenciação no ganho ou em algumas regalias como terra para trabalhar ou qualquer outra forma de recompensa (PALMEIRA, 1977).

O administrador dava as ordens na fazenda, e tinha autoridade para permitir, ou não, a entrada de um novo *morador*. Como afirma Palmeira, os trabalhadores que iam pedir permissão para morar pediam uma pequena casa para residir, “uma casa que permita o sustento dele e de sua família e lhe assegure certas vantagens no engenho, além de lhe abrir certas possibilidades como o usufruto de um sítio.” (PALMEIRA, 1977, p.205). Neste caso em questão, o administrador não era simplesmente uma pessoa de confiança, mas, o sobrinho do senhor. Recebendo a confiança para administrar, o padre ficava “isento” de algumas decisões tomadas na sua ausência, não sendo então, direcionada ao padre a culpa por uma decisão que desagradasse a alguém. Sua imagem permanecia como um bom senhor. Segundo o senhor Ed, o padre cedia terra para os moradores de outros sítios plantarem lavoura de mandioca. Este terreno era cedido durante um ano. No entanto, aquele que plantasse era “sujeito” a fazer a farinha, por exemplo, na casa de farinha da própria fazenda ou então, pagar o arrendamento da terra. Segundo Palmeira (1977), os senhores de engenho tinham prioridade de compra nos produtos dos seus moradores, ou quando estes deviam ao seu senhor. Esta forma de cessão de terra era uma forma de “assegurar” os moradores na fazenda: “onde o trabalho é cativo, tendemos também a encontrar mecanismos que supostamente atraem e

seguram o trabalhador para além do poder da compulsão” (WOLF, 2003, P. 168). Segundo este autor, o trabalhador pode ganhar terra para plantar, ter ajuda do seu patrão, entre outras formas de ajuda, todavia, estes mecanismos podem não existir onde tem uma maior fonte de mão-de-obra.

Esta forma de arrendamento era tida dentro do âmbito da fazenda, mas, é dessemelhante ao arrendamento de terras fora da fazenda, onde, os arrendatários tinham a liberdade de fazer o que quisessem com sua colheita, desde que fosse ao prazo do arrendamento. Atualmente, os arrendamentos de terras no município de Itapororoca são mais comuns para plantar abacaxi. O prazo para a colheita é de aproximadamente dois anos, e valor do hectare do cultivo varia de mil a mil e trezentos reais, podendo ser mais cara se a terra tem algum reservatório de água para irrigar no período da seca. Esta forma de ceder terra ou arrendar é ainda do período em que o padre Antônio estava vivo, sendo as parcelas de menor proporção. Em 1976 o engenho foi desativado e o arrendamento na fazenda Curral Grande reiniciou, agora com o novo “dono”.

“Mesmo assim os canaviais não perderam sua hegemonia sendo uma das principais atividades econômica da região, agora ao lado da pecuária bovina. Outro fator que contribuiu para este modo de apropriação pautou-se no desinteresse dos usufrutuários pela terra, uma vez que não trabalhavam e não residiam na mesma por possuírem outras propriedades, o que fez da Fazenda Curral Grande, um lugar rentável e sem despesas, pois com o arrendamento das terras foi possível ao “proprietário” a aquisição de capital sem ter que investir em benfeitorias, sendo o responsável por isso os arrendatários” (SILVA NETO, 2014, p. 51).

Segundo Silva Neto (2014), por volta de 1980 o plantio de cana-de-açúcar se consolida na fazenda Curral Grande, e em 1990 o plantio do abacaxi se amplia. Tais arrendamentos ocasionaram uma diminuição de trabalho para os moradores da fazenda Curral Grande devido ao plantio da cana.

De acordo com entrevista ao irmão do usufrutuário da terra e ex-administrador da fazenda Curral Grande, os arrendamentos são feitos em contratos de 5 (cinco) anos podendo estes serem renovados pelo mesmo período, onde a forma de pagamento é feito anualmente, de acordo com o preço da tonelada da cana, onde o valor pago pela renda da terra é o equivalente a seis toneladas de cana por cada hectare de terra arrendada (SILVA NETO, 2014, p. 52).

Quando o padre morreu, os moradores passaram a trabalhar para os novos arrendatários e para outros grandes proprietários da circunvizinhança, os moradores continuaram em “seus” respectivos pedaços de terra.

Garcia (1989) traz três “motivos” para o fim do isolamento dos trabalhadores do engenho, sendo o primeiro o surgimento das usinas, com o mercado dos derivados da cana-de-açúcar e o declínio dos engenhos. O segundo seria os deslocamentos para o Rio de Janeiro e São Paulo devido ao forte crescimento industrial e ampliação do mercado de trabalho, e, por terceiro, o surgimento das associações camponesas que trouxeram um novo quadro legal para regular a situação dos trabalhadores e proprietários. Na fazenda Curral Grande os trabalhadores tiveram seus deslocamentos provenientes do não interesse do usufrutuário não querer levar adiante os trabalhos no engenho. Sendo assim, passaram a ter uma relativa autonomia no que tange ao trabalho na fazenda, ocasionando o êxodo de alguns moradores para outros Estados em busca de trabalho, como atualmente ainda acontece.

“A ausência de proteção do senhor colocava cada chefe de família diante da responsabilidade de atender às necessidades familiares só através da utilização do trabalho dos membros da família” (GARCIA, 1989, P. 80).

Após a morte do padre, os moradores ficaram trabalhando na terra que já havia trabalhado. Quando estes precisavam se aposentar, fazer empréstimos em algum banco ou recebiam projetos governamentais, entre outros, e recorriam ao senhor Antônio Madruga para lhes concederem uma assinatura comprovando que eram trabalhadores da fazenda. Por este empecilho, entre outros fatores, começou a brotar nos moradores um interesse maior em conhecer seus direitos, principalmente através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e da Secretaria de Agricultura do município de Itapororoca/PB, bem como trazer estes benefícios para própria comunidade, haja vista não serem mais moradores de um senhor, mas agora passarem a ser uma comunidade. Como fruto deste desejo, surgiu em 1998 a “Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Curral Grande”. Através desta os moradores conseguiram, juntamente com o usufrutuário, Antônio Madruga e José Inácio, um dos grandes arrendatários, entre outros influentes da localidade, declarações de posse para os moradores, nesta, conta que o posseiro faz parte da fazenda, não sendo mais necessário o morador ir procurar Antônio Madruga para assinar. Foi feito também as medições da terra em que os moradores trabalhavam, constando o tamanho de seu terreno.

Esta associação fortalece um sentimento de comunidade, que reage como o da consanguinidade (WEBER 1956), isto é, os moradores passam a lutar com mais fervor por direitos enquanto comunidade, buscando os benefícios governamentais entre outros. A fazenda Curral Grande se destaca das demais não apenas por que tinha um engenho, mas, pelo o senhor de engenho ser um padre, o que dá um caráter diferenciador. Só em o patrão ser um padre já é diferenciador, e mais ainda quando nas proximidades do trabalho há uma igreja. Com isso, os moradores passam a frequentar a igreja na qual seu patrão é o padre.

Este cenário traz à memória o processo de territorialização dos indígenas do Nordeste, provenientes das missões religiosas e a agência indigenista, como trazido por Oliveira (2004). Esses dois processos trouxeram grandes influências sobre a vida destes indígenas: “pelo primeiro movimento, famílias foram atraídas para os aldeamentos missionários, sendo sedentarizadas e catequizadas” (OLIVEIRA, 2004, p. 240). É indubitável a influência das missões no que tange a promover uma acomodação das culturas, através de seus atos homogeneizadores, pelo processo de catequese.

João Pacheco de Oliveira (2004) traz que os povos indígenas do Nordeste foram envolvidos em dois processos com características distintas, um ligado às missões religiosas e o outro com a agência indigenista, que trouxeram transformações para estes povos indígenas. Podemos destacar assim, a influência do padre na vida religiosa dos moradores do Curral Grande, haja vista o mesmo ser o patrão dos moradores.

Os moradores do Curral Grande passam a participar das missas e a se enraizarem em um contexto religioso, bem como passam para seus filhos a importância de seguirem o caminho da religiosidade (igreja) e serem respeitosos dos costumes e tradições, colocando-os para fazerem a catecismo, crisma, participar assiduamente dos trabalhos da igreja. Este apego pela religiosidade ia passando de geração em geração, o Curral Grande era o único lugar na circunvizinhança onde tinha uma igreja, e onde praticamente todas as pessoas eram católicas. Nos demais sítios vizinhos a grande predominância era de pessoas católicas, todavia, os demais sítios cresceram em um contexto diferente do Curral Grande. Nestes, as famílias são donas de seus pedaços de terra, não sendo “dependentes” de um senhor por motivo de morada ou trabalho, nem tinham como “patrão” um padre. O Curral Grande vai crescendo em um ambiente “fechado” para qualquer outra manifestação religiosa, não apenas por ter uma igreja católica na fazenda, mas, por ser um padre o dono da mesma. Segundo Wolf, “O poder

estrutural molda o campo social de ação de forma a tornar possível alguns tipos de comportamento, enquanto dificulta ou impossibilita outros” (WOLF, 2003, p. 326).

Por volta do ano de 1983, um dos moradores do Curral grande passa a frequentar uma igreja evangélica, o que causou uma repercussão entre os demais, que achavam que este estaria negando tudo o que havia aprendido. Mas por ter sido apenas um morador e este não ter tanta frequência nos trabalhos da igreja, não houve tanta repercussão. No ano de 2007 o Curral Grande passa por uma transformação no que tange ao contexto religioso, foi quando houve a conversão de mais pessoas ao Protestantismo. Veremos tais fatos com mais rigor de detalhes nos capítulos a seguir, bem como a dessemelhança com o ocorrido em sítios vizinhos, em especial o sítio Cipoal.

Outro ponto que merece atenção no que tange ao contraste entre o Curral Grande e o Cipoal é a educação, sendo que na fazenda se dispunha de uma pessoa que ensinava os filhos dos moradores, como dito, e no Cipoal não tinha. Os pais passavam a ver nos estudos uma forma de ascensão social para seus filhos. Os filhos dos moradores na maioria trabalhavam apenas nas lavouras de seus pais; as crianças aprendiam não apenas a ler e escrever, mas a ter toda uma respeitabilidade pelo senhor do engenho que disponibilizava estudo para elas. Em 1978, foi construído no Curral Grande um colégio municipal, que tem como homenagem o nome do padre Antônio. A chegada do ensino público veio fundamentar ainda mais a escolaridade na fazenda, diferenciando-a sempre dos sítios vizinhos que ainda não disponibilizavam de instituição nem pública, nem particular de ensino.

A distância dificultava a ida das crianças dos sítios vizinhos para a escola. Como a escola ensinava apenas o fundamental, a prefeitura começou a mandar ônibus para os sítios para buscar os alunos para a cidade. Dos alunos que iam no ônibus a grande maioria era do Curral Grande, enquanto do Cipoal, sítio vizinho, eram poucos. Como os pais das crianças do Cipoal não tiveram uma base educacional para passarem a importância da educação para seus filhos, eles viam no trabalho uma forma de seus filhos crescerem na vida. Estes começaram desde cedo nos trabalhos com seus pais e *trabalhando alugado*² para outras pessoas. Como estes jovens trabalhavam durante o dia, estudar a noite se tornava muito cansativo, o que ocasionava um grande número de desistências, sendo poucos que chegaram a concluir o

² Trabalho alugado é aquele em que o trabalhador oferece sua força de trabalho e o “patrão” os remunera por diária, ou de acordo com a sua produção sem contrato, carteira assinada, etc.

ensino médio completo. Assim como também jovens do Curral Grande, que devido trabalhos também desistiam, ou por simplesmente não quererem levar a frente os estudos.

02. PROCESSO HISTÓRICO EM CURRAL GRANDE

O sítio Curral Grande tem como um ponto contrastante das circunvizinhas o fato de ter suas terras destinadas em testamento à Arquidiocese Paraibana, fato este que sucedeu após morte dos herdeiros em usufruto do padre, como previsto em testamento.

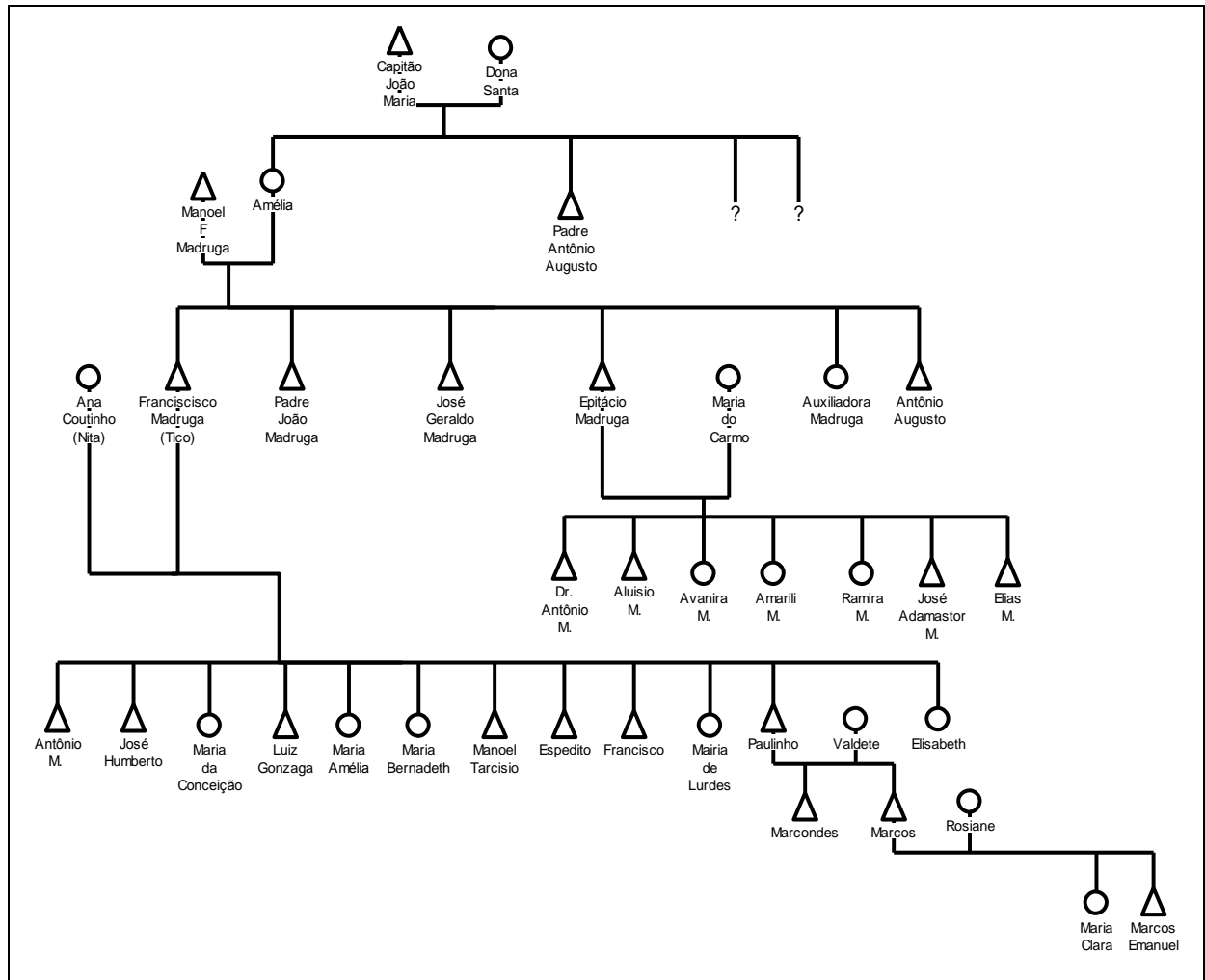
Segundo conta um ex-administrador da fazenda, o senhor Joãozinho, o nome Curral Grande originou-se de um grande curral de gado que lá existia por volta do ano de 1900. Este curral era de propriedade do senhor João Maria, que era casado com Dona Santa como era mais conhecida, pais do padre Antônio Augusto (Figura 1). Os quais constituíram dentro dessa comunidade uma grande família, pela qual os moradores que residem em Curral Grande são considerados, praticamente da mesma família, como mostra abaixo (Figura 2) a genealogia do Capitão João Maria.

Figura 1 – Foto do Capitão João Maria e Dona Santa, Pais do padre Antônio.



Fonte: Acervo da Família Madruga.

1. **Figura 2** – Genealogia do capitão João Maria aos dias atuais.



O capitão João Maria era um grande latifundiário e agropecuarista, em suas terras criava gado, tinha plantações de mandioca, feijão, milho, entre outras lavouras dependendo do período das chuvas. Havia também nesta propriedade um engenho de taipa rodeado de esteio. Segundo Garcia (1989), em seu trabalho sobre os engenhos do brejo Paraibano, define engenho como sendo “áreas onde os cultivos são feitos por trabalhadores submetidos pessoalmente ao proprietário das terras onde residem e trabalham comumente designados por moradores, palco privilegiado da sujeição” (GARCIA, 1989. p. 25).

Nesse engenho se fabricava cachaça e era movido à tração de animais. Nessa época o senhor João Maria construiu uma capela de taipa e colocou o nome de Santo Antônio, tornando-o padroeiro da fazenda. Um de seus filhos Antônio Augusto foi estudar em seminário para seguir a vida religiosa na condição de sacerdote, os outros irmãos, segundo o

senhor Joãozinho, um dos ex-administradores, ficaram trabalhando na fazenda com seu pai. Depois uns se casaram e foram morar em outro lugar.

No ano de 1918, o senhor João Maria veio a falecer. Nesta época o seu filho Antônio Augusto já havia sido ordenado padre e estava trabalhando na cidade de Picuí/PB. Ao receber a notícia da morte de seu pai, pediu transferência para a igreja Matriz São Pedro e São Paulo, na cidade de Mamanguape/PB. Ao chegar, percebeu que toda a fazenda estava carente de algumas transformações, seus irmãos não estavam dando os devidos cuidados à fazenda. Ao ver esta situação, o padre Antônio comprou as partes de seus irmãos, o que dá um total de 916 hectares. Ele passou a administrar a fazenda, cercou toda a terra que estava sem ser demarcada, derrubou o engenho de taipa e fez um novo engenho de tijolo, e com novos maquinários agora movidos a vapor, construiu três casas de farinha, armazéns para guardar as mercadorias, construiu também a casa grande para quando viesse celebrar as missas ficar nela, e construiu uma igreja em lugar da capela, deixando com o mesmo nome de Santo Antônio.

Figura 3 - Foto da Sede da Fazenda Curral Grande



Fonte: Ernesto Silva (2015)

O padre Antônio pagava uma professora para ensinar os filhos dos moradores. Essas crianças se diferenciavam das demais dos sítios vizinhos que não sabiam ler. Além do ensino, como dito, elas cresciam aprendendo a terem o respeito pelo padre como uma figura importante na questão administrativa e religiosa. Por causa desse desenvolvimento diferenciado no ensino, já que era um ensino particular e não público, a comunidade de Curral Grande passou a se destacar na região. Os moradores incentivavam seus filhos a estudarem, já que não tiveram a oportunidade que seus filhos estavam tendo. Fato este notado no período em que a prefeitura começou a mandar ônibus para os alunos dos sítios irem para a cidade

estudar, a grande maioria dos alunos eram de Curral Grande, o que resultou em um número de alunos com o ensino médio completo superior aos demais sítios, além dos que concluíram o ensino superior. Tomando como exemplo contrastante o sítio Cipoal que é vizinho ao Curral Grande que não tem nenhuma pessoa formada com o nível superior, este fato, como dito, se dá por que estes moradores não tiveram uma base educacional quando crianças para poder incentivar seus filhos a estudarem.

Outro ponto diferenciador na educação das crianças de Curral Grande naquela época era a igreja católica, onde os pais incentivavam as crianças a participarem das atividades religiosas. Participava assiduamente da igreja e participavam das atividades religiosas como a comunhão, crisma, das missas, criando um respeito às tradições, dentre outros pontos. Não quero assim dizer que a religiosidade seja um elemento fundamental para a educação das crianças, mas, que a mesma se torna um ponto diferenciador. O Curral Grande era única comunidade que tinha uma igreja católica nas circunvizinhanças, o que resultou em uma população que seguiam fielmente os preceitos do catolicismo. Por essa razão, o surgimento de outras formas de manifestações religiosas que não fossem aquelas promovidas pela igreja católica encontrava grande resistência popular. Isto se deve ao enraizamento dos preceitos católicos. Dessa forma, o protestantismo era tido como uma afronta a tudo o que essas pessoas tinham aprendido. Porém, nos últimos anos algumas pessoas começaram a se “converter ao Evangelho”, ou seja, se tornaram “crentes”. De início houve uma rejeição de alguns indivíduos da população desta comunidade, mas, com o passar do tempo foram aceitando essa nova concepção de manifestação religiosa. A grande “surpresa” para os participantes da igreja Santo Antônio de Curral Grande foi quando um dos grandes influentes e participante desta igreja, o senhor João Hermínio (Evangelista), como é mais conhecido, passou para o protestantismo. Evangelista passou a receber críticas e perseguição por ter aderido a este movimento depois de mais de trinta anos de trabalhos na igreja católica. Atualmente no Curral Grande existe um número considerável de evangélicos. Como foram emergindo estes evangélicos estudaremos nos capítulos a seguir.

Na fazenda havia cerca de doze famílias, que era os moradores do pai do padre Antônio, o capitão João Maria. Eles continuaram a trabalhar na fazenda, trabalhavam no engenho, nas casas de farinhas, nas plantações de cana-de-açúcar e lavoura branca. Esses moradores trabalhavam quatro dias para a fazenda e dois em um pequeno pedaço de terra ao redor de sua casa, onde plantava apenas *lavoura branca*, como feijão, mandioca, inhame,

entre outras. Segundo um interlocutor trabalhavam um dia de graça na fazenda para pagarem pelo direito de trabalharem nas terras.

O padre Antônio mandou construir algumas casas para algumas famílias que vinham dos sítios vizinhos. Outras famílias que tivessem interesse em morar na fazenda Curral Grande pediam autorização a Seu Tico, o administrador, e este, por sua vez, comunicava ao padre Antônio que decidia se aceitava ou não. Por vezes, algumas famílias também pediam permissão para sair da fazenda, para irem para algum sítio vizinho, seja por alguma proposta de trabalho ou por motivos peculiares. Segundo o senhor João Coutinho Madruga, (um dos administradores) estes trabalhadores saíam sem fazer nenhuma questão, nem pediam nada.

Como informa o senhor Toinho filho de seu tico, ex-administrador, padre Antônio vinha nos finais de semana celebrar as missas, e ficava na casa grande. Sua sobrinha Auxiliadora era quem cuidava dele quando estava na fazenda.

Quando o padre Antônio adoeceu em Mamanguape, e não podia estar com muita frequência na fazenda, nem celebrar as missas, mandava em seu lugar o padre José Paulo, que era seu amigo e trabalhava na mesma igreja, ele vinha a mando do padre Antônio, para dar ordens ao administrador e celebrar as missas.

O senhor Tico veio a falecer em outubro de 1971, mais ou menos seis meses antes que o padre Antônio, porém, não ficou sabendo da morte do senhor Tico, por que se encontrava já doente, e por isso não lhe disseram. Quando o senhor Tico morreu havia na fazenda aproximadamente cerca de quarenta famílias, algumas delas tinham vindo de outros sítios e alguns filhos de moradores que casaram e fizeram casas ao lado das de seus pais. Neste período quem ficou na administração foi o padre José Paulo, depois da morte do padre foi que Antônio Madruga passou a administrar a fazenda, no entanto, acabou por descuidar da propriedade, e em 1976 o engenho parou de moer, bem como as casas de farinha, o usufrutuário começou a arrendar as terras, um dos motivos era que o usufrutuário não morava na fazenda, e tinha outra propriedade, o que fez da fazenda um lugar rentável e sem despesas. (SILVA NETO, 2014).

O padre Antônio Augusto exercia, digamos distintas atividades, representava uma figura religiosa e ao mesmo tempo era um senhor de engenho. Embora não estivesse presente todos os dias na fazenda como um senhor de engenho, suas ordens eram repassadas ao seu administrador. Para receber um pequeno pedaço de terra para morar e trabalhar, os moradores tinham que “merecer” a graça do seu senhor, no caso aqui do padre, assim como aqueles que

ganhavam terras para trabalhar (PALMEIRAS, 1977). Antônio Madruga passou a arrendar as terras para outros plantadores de cana-de-açúcar, abacaxi, entre outras lavouras. Os moradores passaram a trabalhar para esses novos arrendatários. Antônio Madruga foi morar em sua propriedade no sítio Tarama, zona rural de Jacaraú/PB. Na casa grande, onde o padre ficava quando vinha celebrar as missas, ficou morando a senhora Anita, esposa do senhor Tico. Antônio Madruga deixou na administração das terras o senhor João Coutinho Madruga (Seu Joãozinho), que é primo do padre.

Após a morte do padre Antônio, não se permitiu a entrada de famílias de fora para residir nas terras da fazenda, os moradores continuaram morando em suas casas, e trabalhando nas terras que já trabalhava. Os que tinham um pouco mais de condições, arrendavam um pequeno pedaço de terra para aumentar seu roçado. Os que não podiam, continuavam plantando em seu pequeno pedaço de terra.

Atualmente, nas terras da fazenda Curral Grande moram cerca de 90 famílias, e para esses moradores conseguirem benefícios governamentais como aposentadoria, salário maternidade, empréstimos em bancos, entre outros, que beneficiam o agricultor, tinham que pegar a assinatura de Antônio Madruga provando que eles trabalhavam e moravam na terra. Porém, o número de assinaturas estava muito elevado, e estavam surgindo assinaturas falsas. Por este motivo se reuniram o vereador e advogado Rodrigo Carvalho, o presidente da Associação dos Moradores de Curral Grande o senhor João Hermínio, o senhor José Inácio, ex-presidente da Associação dos Plantadores de Cana-de-açúcar da Paraíba - ASPLAN, um grande empresário no ramo de cana-de-açúcar e um dos que mais tem terras arrendadas na fazenda Curral Grandes. Por seu conhecimento dentro da ASPLAN, conseguiu através desta instituição a medição das terras dos moradores, dividindo-as para demarcar os lotes de cada morador.

-Com as terras medidas e loteadas, os moradores, no dia 27 de abril de 2013, receberam declarações de posseiros, constando que são moradores da fazenda Curral Grande, e constando na mesma a localização e a área de terra que estes moradores trabalham. Desta forma, torna-se mais fácil a obtenção benefícios governamentais, aposentadorias, empréstimos, etc., por parte destes moradores.

Segundo Silva Neto, 2014, da terra da fazenda, cerca de 50% estão plantadas com cana-de-açúcar, a grande maioria são dos arrendatários, apenas cerca de 15 hectares, são arrendadas aos moradores. Como a agropecuária e a agricultura consistem à base da economia

dos moradores, a falta de terras acaba por levar esses trabalhadores a procurarem outros meios de trabalho, ou mesmo acabam viajando para outros estados à procura de trabalho. Mas a agricultura ainda constitui a base da economia familiar, onde estes plantam em seus pequenos pedaços de terra, mandioca, feijão, milho, abacaxi, etc. Como na maioria, esses trabalhadores não têm condições econômicas de arrendarem as terras para trabalharem, acabaram por ficar apenas com seus pequenos pedaços de terra. E a maior parte das terras acabou por ficar nas mãos dos grandes arrendatários, desde 1976 quando começou o processo de arrendamento após o engenho ter parado suas funções, concentrando, como foi dito anteriormente, mais de 50% das terras.

2.1 ASPECTOS DA ADMINISTRAÇÃO DA FAZENDA

Os moradores tinham uma boa relação com o padre, às vezes, ele passava a semana na fazenda, e se houvesse alguma questão ele resolvia. Quando estava na fazenda, o Padre Antônio celebrava missas Estas, segundo interlocutora eram sempre celebradas em latim e os que assistiam não compreendiam o que estava rezando. Além das missas, ele também fazia batismos, casamentos, entre outras atividades eclesiais.

Figura 4 – Foto de Celebração de casamento realizado pelo padre Antônio Madruga



Fonte: Acervo da Família Madruga

Quando algum morador queria construir uma casa para um filho ou filha que iria se casar, ou se alguma família de outro lugar queria vir morar na fazenda, o padre sempre permitia. Quando essas famílias vinham, sempre pediam uma morada. Assim, “A entrada no engenho era marcada pela atribuição de uma casa, construída ou não, destinada à família” (GARCIA, 1989, p. 39). Neste período não havia grandes arrendamentos. Conforme um ex-administrador, o padre arrendava apenas as margens dos rios para pessoas de outros sítios, para pequenas plantações de algodão.

O senhor José Francelino de Freitas (Seu Ede) *morador* da fazenda, falou que seu pai o senhor Manoel Teixeira trabalhava em um pequeno terreno arrendado na fazenda, pois morava em um sítio vizinho. Como trabalhava perto da mata da fazenda, o padre pediu que seu pai vigiasse as matas. Aos poucos ganhou a confiança do padre, que permitiu que viesse morar no terreno, bem como passou ser o responsável pelos arrendamentos das terras que ficavam em torno de onde ele morava, passava o ano arrendando as terras e quando era no final do ano, ajuntava todo o dinheiro e ia a cavalo para Mamanguape levar o dinheiro do arrendamento para o padre.

Segundo seu Ed, o padre gostava muito dos moradores, ele contou que na fazenda todo ano tinha uma grande festa de ferragem e vacinação do gado, e os fazendeiros da redondeza

sempre vinham participar da festividade, e certa vez, em uma destas festas, um fazendeiro chamado Paulo Serafim se embriagou e agrediu um morador. Quando o padre soube do ocorrido, o expulsou da festa na mesma hora, colocando a polícia atrás dele. Ele fugiu para Natal-RN, e de lá, vendeu as terras da fazenda onde morava e não mais voltou.

“Naquele tempo existia mais respeito, no tempo que eu era pequeno, eu vinha para os terços com meu pai. Dona Anita rezava o terço, todo mundo entrava, deixava as facas do lado de fora e ninguém mexia, hoje, você vai pra missa tem é raiva, ninguém presta a atenção, os camarada chegam à porta da igreja de moto e deixa ela ligada, e isso tá atrapalhando lá dentro” (Seu Ede).

Quando um morador ia pedir para construir uma casa para um filho ou filha só era permitido construir se fosse ao lado da sua casa. Certo tempo depois foi permitido construir mais distante da casa do pai, mas que fosse a mesma terra em que o pai morava. Neste tempo, se pagava diária aos trabalhadores. Segundo seu Ed, um de seus irmãos, Antônio Manu, era *mestre de açúcar*,³ juntamente com Manoel Joaquim, eram os mestres de açúcar, e quem fabricava a cachaça era Zé Raposa, eles ganhavam um pouco mais que os outros trabalhadores, devido às horas extras.

O padre cedia pequenos pedaços de terra para os moradores plantarem, mas pelo período de um ano. Os moradores tinham que entregar a terra no mês de janeiro para que se colocasse o gado. Se não tirasse a tempo, o gado era posto assim mesmo, mas segundo o senhor Ede nunca houve um caso que alguém se atrasou em tirar a lavoura. O padre também cedia terra para alguém que não fosse morador plantar mandioca, mas com a condição de terem que fazer a farinha nas casas de farinha da fazenda, desta forma, não precisava pagar o arrendamento, se quisesse fazer a farinha em outra casa de farinha que não fosse da fazenda, tinha que pagar o arrendamento, da mesma forma era para os moradores.

Na fazenda, havia um barracão onde os moradores faziam suas compras. O barracão ficava perto da casa grande e os trabalhadores quando iam receber o pagamento semanal já aproveitavam para fazerem as compras. Às vezes o morador ficava devendo, outras, dava para pagar as contas, dependia de quantos dias tinha trabalhado.

No engenho também se fabricava cachaça, e sempre que alguém chegasse lá, o senhor Tico dava uma “bicada de cana”. Com isso, o número de pessoas que eram apreciadores da

³ Pessoa responsável pelo processo de fabricação do açúcar (meximento) desde o mel até a forma de açúcar.

cachaça foi crescendo, o que levou a um senso comum de que as pessoas de Curral Grande são “cachaceiras”.

Como dito, quando o senhor Tico faleceu em 1971, e o padre Antônio estava doente em Mamanguape não podendo estar mais na fazenda, o padre Zé Paulo começou a administrar a fazenda. Ele começou a retirar alguns moradores que moravam nas extremidades da fazenda para aumentar o cercado do gado. Começou a arrendar uma quantidade de terra muito maior para grandes agricultores, antes, os arrendamentos eram apenas aos pequenos agricultores, e, lembre-se, só era permitido plantar lavoura branca, ou seja, feijão, mandioca, milho etc.

“Nesse tempo só ficou a minha família no Mocambo (Nome dado a uma parte da fazenda, pois tinha bastante fonte de água) por que a fazenda gostava muito de papai, ai a gente ficou lá, eu e Antônio Manu. Depois o padre Zé Paulo inventou de tirar a gente de lá, tirar mãe de lá, que agente morava com mãe, pra botar agente aqui, eu ainda meti os pés pra não vim pra cá, mas deram conselho pra vim, eu não me arrependo, mas eu não vim com muito gosto não, lá tinha muita terra pra trabalhar.” (Seu Ede).

Nestes novos arrendamentos, começou o plantio do abacaxi. Já que os pequenos agricultores não tinham condições financeiras nem terra o suficiente para trabalharem com esta lavoura, o padre Zé Paulo permitiu a derrubada de alguns pontos onde tinha mata para o plantio do abacaxi:

“Quando algumas pessoas de Curral Grande chegavam onde o padre Antônio estava ele perguntava logo pela mata, ele tinha um ciúme danado pela mata, e o cara dizia: tá lá, mas estava tudo no chão, era só abacaxi” (Seu Ede).

Conforme o mesmo, a entrega das declarações de posseiros aos moradores é em parte boa e por outro lado ruim. Bom por que permitem que os moradores consigam seus projetos, aposentadorias, empréstimos, entre outros benefícios que antes dava mais trabalho para conseguir, como dito. Conforme o senhor Ede, a declaração traz estas vantagens, porém, ele acha que é ruim por que se um morador quiser vender seu lote, não será possível, já que agora está demarcado na declaração. Mas, segundo o mesmo, do jeito que está é muito bom, já que se pode plantar e cercar, não paga o imposto para o INCRA, tem uma liberdade, é melhor que uma terra particular:

“O bom mesmo é você conseguir alguma coisa trabalhando nas terras e investir em outra coisa, pois, não sabemos o que pode acontecer depois com essas terras” (Seu Ede).

Um dos pontos diferenciadores que os moradores relatam, é no que tange a criação dos filhos. Eles relatam que antes havia mais respeito, e seguia-se a moral e boa conduta. Se um filho de um morador pegasse uma fruta do sítio da fazenda sem permissão, era repreendido pela administração, além de um disciplinamento moral que recebiam. As crianças cresciam aprendendo a respeitar seus pais, e a liderança que tinha representada pelo padre e seus administradores. Os pais ensinavam seus filhos a terem o maior respeito aos seus senhores, não apenas por uma questão de respeitabilidade pelo mais velho, como também por se tratar de um conjunto de relações envolvidas nesta respeitabilidade. Pois, os moradores não viviam em uma terra própria, mas, moravam em terras alheias, e um filho “mal-educado” representava uma desordem familiar a qual, o pai não tinha o controle sobre seus filhos.

Esta forma de criação deu um caráter diferenciador dos demais sítios vizinhos, onde, os filhos tinham uma “liberdade”, e os pais não dependiam nem moravam em terras alheias, moravam em seus próprios pedaços de terras, não tendo que dar conta a ninguém. Todavia estes filhos não tiveram quando criança nenhuma escolaridade, nem recebiam incentivos de seus pais que também não cresceram com uma base educacional, diferentemente da fazenda Curral Grande, como dito. No ano de 1978 o prefeito Umberto Espínola Guedes conseguiu trazer um colégio público para a fazenda Curral Grande. Já no sítio Cipoal, como exemplo, não tinha ninguém que ensinasse, nem tinha nenhuma pessoa influente para trazer um colégio para este sítio, o que ocasionou anos depois quando a prefeitura municipal de Itapororoca começou a mandar ônibus para estes dois sítios.

Os filhos dos moradores da fazenda tinham em sua rotina estudar, ir a igreja aprender o catecismo, trabalhar apenas no roçado de seus pais. Tudo isto reflete em um crescimento distinto destas crianças com relação a crianças de outros sítios, onde não havia professora particular, não dependiam unicamente de um senhor, não tinham uma igreja para participarem, e que trabalhavam muitas vezes para ajudarem na despesa de sua casa.

No Curral Grande os moradores viam nos estudos uma forma de ascensão para seus filhos, já os pais nos outros sítios, viam no trabalho uma forma de ascensão, ou seja, duas formas distintas de ver o crescimento na vida. Enquanto no Curral Grande se buscava um crescimento através do estudo, já que não podiam expandir seu trabalho devido a pouca

disponibilidade de terra para trabalhar, no sítio Cipoal, que é seu vizinho, via no trabalho uma forma de crescimento.

2.2. JORNADA DE TRABALHO DOS MORADORES NA FAZENDA

Os trabalhos na fazenda envolviam muitas funções. Havia os trabalhadores do engenho, e os trabalhadores braçais que eram responsáveis pelas limpas e plantações da cana entre outros serviços. Era um trabalho pesado e desgastante. Segundo Silva Neto (2014), a exploração dos trabalhadores eram visíveis. Os que trabalhavam no engenho começavam a sua jornada de trabalho a partir das 3h: 00min. (manhã), parando para o almoço e pegando logo em seguida, e paravam às 17h: 00mn. (tarde). Os que trabalhavam nas lavouras de cana-de-açúcar pegavam às 07h: 00mn. (manhã), parando para almoço às 11h: 00mn. Voltavam ao trabalho às 13h: 00min e paravam às 17h: 00mn. (tarde). Os trabalhadores trabalhavam para a fazenda de terça a sábado, nos sábados e segundas, trabalhavam em seus pequenos pedaços de terra, que ficavam ao redor de suas casas. No engenho, fabricavam açúcar bruto, rapadura e mel, produtos que eram comercializados em João Pessoa, e uma pequena parte em Mamanguape.

O senhor Tico fazia o pagamento dos trabalhadores na casa grande. Os trabalhadores faziam uma fila e recebiam de acordo com os dias que haviam trabalhado. Segundo o senhor Toinho, filho do ex-administrador Tico, não havia distinção no ganho de quem trabalhava no campo para o do engenho, ganhavam a mesma quantia. Ele não soube informar se os mestres de açúcar ganhavam mais ou não. Moacir Palmeira traz que os trabalhadores são divididos para as tarefas de forma hierárquica: “se ser bom trabalhador não é uma condição suficiente para que seja reconhecido o bom morador, o bom morador é necessariamente trabalhador” (PALMEIRA 1977 P. 211).

Os moradores faziam a feira na Vila São João, distrito de Mamanguape, que anos depois se emanciparia, passando a ser Itapororoca. Na administração, não era apenas o senhor Tico que administrava tudo, havia outros que o ajudavam, o cuidado com o gado era de responsabilidade do senhor Sebastião Freire, e depois, o senhor Bastião Aragão, eles eram os vaqueiros, e o seu serviço era cuidar do gado. Os trabalhos no engenho e nas lavouras, o senhor Tico cuidava.

Os moradores faziam suas produções de farinha nas casas de farinha da fazenda e pagava a *conga*⁴ ao então administrador dessa casa de farinha. Neste período, os moradores pagavam um litro a cada cuia. A cuia era um pequeno caixote de madeira equivalente a dez litros, e cada litro, um quilo, ou seja, a cada dez quilos de farinha produzidos, um quilo era para a casa de farinha. No Açudinho, nome dado a uma parte da fazenda, existiam duas casas de farinha. Este lugar era mais distante da sede da fazenda, e estas duas casas de farinha eram administradas por dona Luisinha. Ela não tinha nenhum parentesco com o padre, era apenas uma amiga.

Devido à amizade que tinha com o padre, ela ficava cuidando dessas casas de farinha. Era responsável por receber as *congás* de farinha que os moradores faziam. Dona Luisinha tinha a liberdade de trabalhar nas terras em volta de sua casa. Podia fazer farinha sem pagar *conga*, entre outros pequenos privilégios. Quando o padre estava na fazenda, ele realizava as missas de manhã bem cedinho, e ela sempre estava presente.

Estive conversando com o senhor Severino Ribeiro que era filho de um dos moradores da fazenda Curral Grande. Segundo o mesmo, trabalhavam três dias, terça, quarta e quinta. Esses dias eram obrigatórios para a fazenda, e nos outros trabalhavam em seu pequeno pedaço de terra que ficava sempre ao redor de sua casa. Neste período, o administrador era o senhor Tico. Ele morava com seu pai, trabalhava na limpa da lavoura de cana. Nesta época, os solteiros ganhavam dois mil reis, e os casados ganhavam dois e meio. Depois foi para três, os casados e os solteiros, para dois e meio. Ele disse que foi reclamar com o senhor Tico por que ele pagava mais caro a um e mais barato a outro, e o senhor Tico disse que era por que ele não daria valor ao seu trabalho. Por causa disso, ele disse ao senhor Tico que fizesse o trabalho com os seus trabalhadores, porque ele não iria mais trabalhar. Então, o senhor Tico falou que não tinha nada a ver com ele mesmo, e sim, com o seu pai.

Quando ele chegou a sua casa, contou o ocorrido para seu pai, e este, falou que não iria mais trabalhar na fazenda. Mas seu pai continuou mandando dois de seus filhos. Eles trabalhavam dois dias cada um, totalizando os quatro dias de trabalho, já que tinham que trabalhar obrigatoriamente para fazenda. Ainda trabalharam mais dois anos para fazenda, e depois pararam. Quando chegava o mês de outubro em diante, se começava medir as terras dos arrendatários para pagar. Os pagamentos eram feitos entre dezembro e janeiro. O

⁴ Medida (ou porcentagem) de cada saco de farinha (50kg) como pagamento pelo uso da casa de farinha.

arrendatário pagava a terra e tinha o direito de permanecer trabalhando na terra se quisesse. Na área que seu Severino morava quem fazia as medições era o senhor Miguel Pedro. Este era compadre do senhor Tico, e sempre que alguém queria um arrendamento procurava ele. Quando Miguel Pedro chegou à casa do pai desse interlocutor, falou que ele teria que pagar o arrendamento das terras que trabalhava, pois ele não tinha mais ido trabalhar, e iria pagar o arrendamento ele e seus filhos, e a partir desse momento em diante passaram a pagar a renda. O senhor Tico comandava toda a fazenda, nos finais de semana ele ia buscar o dinheiro para pagar os trabalhadores. Entre aqueles trabalhadores que trabalhavam na capinação da cana, tinha um senhor chamado Miguel Augusto. Este era um dos moradores da fazenda Curral Grande casado com Antônia Amélia, também moradora do mesmo lugar. Deste matrimônio se criaram cinco filhos, três filhas e dois filhos, sendo que, apenas três se encontram vivos, uma das filhas mora em João Pessoa/PB, dona Irene e o senhor José Miguel (Zezé) são moradores da fazenda Curral Grande. O senhor Tico o colocava a frente dos outros trabalhadores, ninguém tinha conversa com ele, era o responsável por “puxar” os outros para não pararem, quem primeiro pegava nas carreiras de cana para limpar era ele. Dessa maneira, os outros trabalhadores eram meio que obrigados a trabalharem igual ao seu ritmo de trabalho, uma estratégia para explorar os trabalhadores.

Informantes disseram que Miguel Augusto tinha uma “afinidade” com o senhor Tico que na época era o administrador, e por estes serviços prestados tinha algumas regalias, como ganhar um pouco mais, ter mais terras para trabalhar, etc. O senhor Zezé filho do Miguel Augusto disse que seu pai tinha um bom pedaço de terra, ele não pagava o foro (que é o pagamento pelo arrendamento de um pedaço de terra para trabalhar), pois, “Só faltava morrer de trabalhar no eito, trabalhava os três dias, terça, quarta e quinta, e como ia pagar fora mais?” (Zezé). Zezé não chegou a trabalhar para a fazenda, trabalhava apenas nas terras de seu pai, o seu pai tinha além da terra que ficava ao redor de sua casa, vários outros terrenos. Quando o senhor Zezé foi se casar quem estava administrando era o padre Zé Paulo, o padre quase que não deixava que ele fizesse sua casa, mas depois de muita conversa de seu pai Miguel Augusto, foi que o padre permitiu. Nesta época, tinha uma casa desocupada na fazenda, e o padre mandou que derrubasse a casa e fizesse a outra. O que o padre Zé Paulo falasse estava falado, era para serem cumpridas suas ordens, sendo rígido em sua administração.

De manhã o senhor Tico tinha um apito que tocava para que os trabalhadores fossem trabalhar, tocava de seis da manhã, e às onze horas da manhã para o almoço. Quando o “apito” tocava, o senhor Miguel já estava trabalhando, não tive nenhuma informação de qual

era a relação dele com o administrador, se era por que ganhava mais em dinheiro, ou se devido algum outro tipo de favor. O interessante é que tocava esses horários, mas no fim da tarde não tocava, os trabalhadores tinham que largar do serviço se baseando pelo sol, quando este já estava se pondo. O interlocutor falou que certa vez o senhor Tico se esqueceu de tocar, e os trabalhadores ficaram até quase uma hora da tarde trabalhando. Os moradores tinham que trabalhar os três dias obrigatórios para a fazenda, se um morador fosse trabalhar em outro lugar para receber mais e alguém soubesse, ele poderia sair da fazenda. Só se fosse troca de dias de serviço com outro trabalhador. Segundo ele, o senhor Tico era um bom administrador, talvez, por que usasse de formas camufladas para impor suas ordens sem ser notadas.

O senhor Severino falou que um de seus irmãos, o senhor Teófilo Ribeiro era casado e morava no sítio Cafula zona rural de Mamanguape/PB, e resolveu vir morar na terra da fazenda Curral Grande. Ao chegar, foi juntamente com seu irmão falar com dona Luisinha, esta, por sua vez, falou com o padre Antônio que lhe permitiu que construísse a casa, porém, o padre não informou onde ele deveria construir. Teófilo começou a construir a casa nas proximidades do Açudinho, quando a casa já estava toda rodeada de madeira e pronta para colocar telhas, o senhor Tico veio e derrubou a casa, alegando que ninguém lhe tinha pedido para construir. As madeiras da casa ficaram com Teófilo, dona Luisinha ao saber do ocorrido foi procurar o padre e disse o que tinha ocorrido, segundo seu Severino, o padre falou que tinha permitido, mas, era pra ele ter feito no Buraco velho, que é outra parte da fazenda. Então, dona Luisinha perguntou se iria ficar assim mesmo, o homem no prejuízo, então o padre deu um pouco de dinheiro para ajudar na construção de outra casa. Neste episódio aqui narrado, vemos um morador que detém de uma boa relação com seu senhor, que dá uma diferenciação interna em relação aos demais moradores (PALMEIRA, 1977), e temos o administrador que detém de maior poder na administração. Temos no final deste episódio um ajuste onde o padre não derrubou a ordem do administrador e manteve a boa relação com o morador, mas, permaneceu a ordem de quem tinha mais “poder”, o administrador. O senhor Severino e seu irmão continuaram trabalhando juntos na terra capinando o terreno, e plantaram feijão e mandioca, depois de alguns dias o senhor Tico foi com Bau, um dos vaqueiros da fazenda, foram até a casa de seu Severino para comprar a sua plantação, alegando que ele não tinha arrendado a terra, e que depois não iria saber quem tinha capinado a capoeira, entre outras desculpas. O senhor Tico mandou que ele fizesse as contas dos gastos para que ele pagasse tudo, seu Severino fez as contas dos dias de trabalho, a quantidade do feijão plantado, somou tudo e lhe deu, o senhor pagou e ficou com a lavoura.

De acordo com o seu Severino, quando o padre Antônio morreu e o padre Zé Paulo veio administrar, no final do mês, seu Severino foi pagar ao padre o arrendamento do terreno em que trabalhava, e continuou trabalhando normalmente no terreno.

A casa de seu Severino ficava no final da terra da fazenda Curral Grande, fazendo divisa com o sítio Cipoal no lado oeste, com muito esforço e trabalho, e senhor Severino conseguiu comprar um pequeno terreno no Cipoal ao lado do terreno em que morava. Fez uma pequena casa e foi morar nela, em sua casa ficou morando o seu irmão Donato. Este passou uns três anos morando e trabalhando na terra da fazenda, quando teve uma colheita foi até ao padre Zé Paulo para pagar o arrendamento, mas, o padre falou que não queria o dinheiro, mas, que desocupasse a casa. Donato questionou onde iria morar, e o padre mandou ir para o terreno do seu irmão, Donato falou que era pequeno, mas não teve jeito. Como seu Donato não tinha para onde ir acabou por demorar a sair da casa, por este motivo o padre Zé Paulo foi prestar queixa dele na delegacia para que ele desocupasse a casa. Donato foi chamado a prestar depoimento, e o delegado falou que se não desculpasse a casa rápido iria prendê-lo, e que só soltava quando o padre mandasse, e que não trabalhasse mais na terra, apenas cercasse ao redor de sua casa deixando apenas o lugar de sair, e conseguisse outro lugar para morar o mais rápido possível. Com muito esforço, conseguiu fazer sua pequena casa em um pedaço de terra doado por seu irmão Severino, Por causa desse acontecido seu Severino falou que parou de ir às missas na Igreja de Curral Grande, por que quem celebrava as missas era o padre Zé Paulo.

2.3 A EMERGÊNCIA DOS PRIMEIROS EVANGÉLICOS

Como dito, na fazenda existia uma capela que o pai do padre havia construído, e no ano de 1943 foi edificada a igreja já na posse do padre Antônio, onde os moradores da fazenda e de outros sítios vizinhos participavam das missas. A fazenda Curral grande era o único lugar da circunvizinhança que tinha uma igreja católica. Os moradores participavam assiduamente dos trabalhos na igreja, bem como seus filhos que desde cedo iam aprendendo o valor dos preceitos religiosos, como uma base “educacional religiosa”, fato este que não ocorria com as crianças dos sítios vizinhos que não dispunham de nenhuma igreja que de certa forma influenciasse estas crianças a percorrerem este caminho da religiosidade.

Pelo fato de os moradores morarem em uma propriedade onde o dono era um padre, a entrada de qualquer outro tipo de manifestação religiosa seria uma afronta. Nos sítios vizinhos

o catolicismo também era predominante, porém, a influência religiosa era menor, o que possibilitava a entrada de qualquer outro tipo de manifestação religiosa. Assim por causa da influencia católica predominante na época, o Protestantismo era pouco divulgado. Após a morte dos herdeiros do padre, a terra passou a ser da Arquidiocese Paraibana. E veio o padre José Paulo celebrar as missas e dar continuidade dos trabalhos na igreja, com a ajuda de outras pessoas da comunidade. Após este fato, os trabalhos continuaram de forma fervorosa na igreja, mas não se tinha mais um padre como seu senhor, apenas administradores.

Em 1983 Wilson Gabriel Fortunato começa uma pequena mudança neste quadro religioso, foi quando ele começou a frequentar uma igreja evangélica em Mamanguape, surgindo assim o primeiro evangélico no Curral Grande. Seu pai João Arthur morava em Cipoal, o sítio vizinho, e sua mãe Maria José morava na fazenda, seu pai veio trabalhar na fazenda e conheceu sua mãe, se casou com a referida e veio morar na fazenda. Conforme o mesmo, sua mãe tinha uma boa relação com o padre José Paulo, sempre quando ele vinha de Mamanguape celebrar as missas mandava matar um bode para comer com seus amigos, e Maria José na véspera de sua chegada, ia para a casa grande preparar a comida. Nem sempre ele podia ir com sua mãe para as missas, sua mãe alegava que eram muitos filhos e para que eles não lhes fizessem vergonha era melhor ficarem em casa. Wilson contou que certa vez seu irmão ia comprar uma cabra a mando de seus pais e no caminho perdeu o dinheiro, sua mãe como trabalhava na época para o padre José Paulo contou o que tinha ocorrido, e o padre na mesma hora deu o dinheiro de comprar outra cabra, com isto sua mãe se tornava cada vez mais grata ao padre.

Wilson se casou e ficou morando em uma posse que havia comprado, ele sempre frequentava mais os terços na igreja, as missas ele não ia muito. Segundo o mesmo, houve um período em sua vida que estava passando por algumas situações peculiares as quais não informou. Neste período de adversidade quando estava em sua residência ouvia pelo rádio programas evangélicos, e aos poucos foi despertando dentro de si um desejo de mudar, sair daquela situação, já que se encontrava envolto em adversidades. Sua esposa vendo sua situação falou que em Mamanguape tinha uma igreja muito boa, e o convidou para ir, ambos começaram a frequentar a igreja evangélica Universal do Reino de Deus, eles iam todos os domingos e às vezes no meio de semana, depois de alguns dias ficou livre dos problemas que estava passando. Sua esposa passou apenas um ano frequentando a igreja, mas ele permaneceu durante quatro anos, depois viajou para o Rio de Janeiro e passou a frequentar a igreja lá. Quando ele começou a frequentar a igreja as pessoas acharam ruim, segundo o

mesmo, quando dona Nita que era sobrinha do padre Antônio soube, reclamou com ele dizendo: “Como é que pode rapaz? Que negócio é esse? Você sendo daqui, da religião da gente, morando aqui na terra e você muda pra outra religião?”. Neste período segundo ele, muitas pessoas ficavam caçoando, chamando de obreiro, dizendo que também iam para a igreja, faziam brincadeiras, entre outras provocações que sofreu. Mas ele, mesmo com estas provocações continuou indo para a igreja: “Eu entrei na igreja por que eu estava no fundo do poço, eu estava procurando uma felicidade, e se eu ficasse nessa religião eu não ia conseguir, eu tinha que procurar outra” (Wilson).

Wilson aos poucos foi se firmando e convidando outras pessoas para irem com ele para a igreja, um de seus cunhados aceitou o convite, ficando ainda uns cinco meses na igreja, depois acabou parando de ir. Ao questionar Wilson o que ele responderia se alguém perguntasse se ele era católico ou evangélico, ele respondeu:

“Eu morro aqui na terra da fazenda, e Santo Antônio é o padroeiro daqui, e Santo Antônio e São José são os dois Santos que eu mais gosto na minha vida, agora, a igreja de lá, a Universal eu estou ali com ela pra procurar uma felicidade. Mas o Jesus é o mesmo. Agora o que eu gosto mais é da minha religião, Santo Antônio e São José, que é o padroeiro daqui e eu moro na terra, tem a igreja que é da gente, quem fez foi os outros, mas essa igreja é da gente, pelo meu amor a que eu mais amo é essa aqui que é da minha terra” (Wilson).

Ele mesmo nesta “indecisão” foi o pioneiro dos “evangélicos” que se encontram hoje no Curral Grande, devido ele ser uma pessoa reservada e não ter grande influência na comunidade, não provocou tanta repercussão, mesmo assim foi um marco inicial. Atualmente, ele não tem uma assiduidade na igreja universal, chegando ao ponto de não ser tido como um evangélico para alguns da comunidade.

No ano de 2007 houve um episódio no Curral Grande que desencadeou em novas conversões ao protestantismo. Este episódio foi um jovem que estava ficando possesso de um “espírito mau,” como alguns interlocutores o denominavam, e quando este espírito se apossava do jovem ele ficava se batendo, agressivo, querendo pular, e por vezes os familiares tinham que ficar até tarde da noite observando o menino até “o espírito mau” sair dele. Levaram o menino em vários lugares que trabalham na área de espiritismo para tirarem este espírito do jovem, mas nenhum destes conseguiu. Neste período um homem chamado Ranieri

estava namorando uma menina no Curral Grande, ele era *obreiro*⁵ da igreja Universal. Certo dia ele veio para a casa de seu sogro, e este contou o que estava acontecendo, Ranieri chamou seu sogro para ir fazer uma visita ao menino. Quando chegou à casa do jovem ele estava possesso, e o obreiro mandou todos se afastarem, fez uma oração e mandou que aquele espírito fosse embora, e na mesma hora o espírito deixou o corpo do jovem. O obreiro disse que se quisessem domingo ele voltaria para levar o menino na igreja Universal em Mamanguape, e todos concordaram. Durante a semana o jovem voltou a ficar possesso, e o espírito que estava nele ficava dizendo que iria fazer alguma coisa e não iria o deixar ir para a igreja no domingo, quando foi no sábado o sogro do obreiro falou que ele não poderia vim, e a família falou o que o espírito tinha dito, ao saber desta conversa ele ligou para o seu genro e contou o ocorrido, quando este soube do que o espírito tinha dito disse que iria dar um jeito e iria vir.

No domingo, o obreiro veio e alugaram uma caminhonete para irem para a igreja, foram algumas pessoas acompanhando, ao chegarem à igreja o pastor orou pelo jovem, e falou que seu caso era sério, mas, que iriam conseguir, e que tinham que ficar vindo sete semanas seguidas, estas sete semanas é tida como um tratamento espiritual, e para que o problema seja solucionado é importante seguir este tratamento sem faltar. Quando chegou o dia de ir o jovem não queria ir, e o seu tio Severino da Silva (Viola) insistia que tinha que ir, dizendo que estava doente, nessa mesma hora o espírito se apoderou do jovem e este desmaiou, mesmo assim, colocou-o em cima da caminhonete e foram para a igreja, no caminho iam segurando-o e ele ficava querendo pular, ao chegar chamaram o pastor oraram e ele ficou bom. Neste período das sete semanas que tinham que ficar participando, as pessoas que iam começaram a ouvir as pregações e a gostar, Viola tio do menino, era um dos grandes “bebedores de cana do Curral Grande”, e desde o primeiro dia que levou seu sobrinho para a igreja e ouviu a pregação que o pastor fez, parou de beber e jogar. O menino ficou livre do mal que tinha, depois passou um período sem participar da igreja, mas atualmente está participando da Igreja Evangélica Cristo Vive, no Cipoal. Viola continuou com outras pessoas a frequentarem a igreja, depois passaram a participar da igreja Universal que tinha em Itapororoca que era mais perto, por ter decidido seguir este caminho Viola começou a ser alvo de brincadeiras, chacotas, os amigos se afastaram, ficavam dizendo que o pastor vinha para a casa dele era atrás de mulher, chamavam de pastor, passando a se distanciar destas pessoas e

⁵ Aquele que serve; trabalha, faz a obra. Na igreja é o auxiliar do pastor, é visto como uma autoridade espiritual e eclesial (http://www.dicionarioinformal.com.br/obreiro/).

não estar nos lugares que eles estavam. Certa vez, um dos seus amigos o chamou para tomar um copo de cerveja, mas, ele não aceitou, e seu amigo ofereceu trezentos reais para ele tomar apenas um copo de cerveja, mas ele não aceitou. Viola começou a juntar pessoas para ir para a igreja, alugava carros, e levava o carro cheio, depois alguns foram desistindo, mas ele e outros continuaram e ainda estão até hoje. Atualmente, Viola faz parte da igreja Evangélica Cristo Vive, nesta se encontra a grande parte dos evangélicos do Curral Grande.

No dia que levaram o sobrinho de Viola pela primeira vez para a igreja, foram algumas pessoas, dentre estas estava José da Silva Matias (Zeca), natural de Curral Grande. Zeca viria a ser uma das pessoas que teria grande influência na conversão de pessoas ao protestantismo. O seu pai Manoel Matias era um dos que carregavam a feira do padre Antônio de Mamanguape para o sitio Curral Grande. Zeca como a grande maioria dos filhos dos moradores participava assiduamente da igreja, chegando a ser tesoureiro de um grupo de homens chamado “Luz Divina”, com um tempo depois este grupo passou por um momento em que os participantes não estavam indo assiduamente as reuniões, e Zeca chegou a dizer a um dos membros que iria sair do grupo e ser evangélico, e este disse: “Não faça isso, vá não, pelo amor de Deus”, ele permaneceu no grupo e depois passou a ser o coordenador do grupo. O grupo voltou a ter mais a participação dos membros e chegou a ter um aumento no número de membros, mas certo tempo depois começou a falta de interesse por parte de alguns membros, para ver se dava mais um estímulo aos participantes, passaram a fazer reuniões nas casas dos membros, certa vez marcaram uma reunião na casa de um membro e apenas Zeca compareceu na casa, devido este episódio, ele não quis mais ser participante do grupo.

Neste tempo Zeca sempre recebia convites de Wilson para ir à igreja Universal em Mamanguape, até que chegou a oportunidade de ir com Viola que era seu amigo para à igreja para levar o seu sobrinho. Era a primeira vez que Zeca entrava em uma igreja evangélica.

“Quando o pastor começou a pregar, falar as coisas de Deus parecia que ele estava dizendo a minha vida, cheguei a pensar que alguém tinha falado da minha vida pra ele, mas, não vi ninguém ir falar com ele” (Zeca).

Ele continuou indo toda semana, mas apenas como visitante, mais ou menos um mês depois acabou aceitando um apelo que o pastor fez, e a partir daquele dia se tornou um evangélico oficialmente. Depois começou a frequentar uma Universal que tinha em Itaporoca, devido ser mais perto. Segundo Zeca, depois que tomou esta decisão de ser evangélico passou por muitas perseguições por parte de algumas pessoas que faziam parte da

igreja local, sofreu críticas, foram momentos de muita dureza, quando chegava a determinados lugares as pessoas saíam. Um dos que sempre entrava em discussões com Zeca era João Hermínio (chamado Evangelista), este era um dos ou o maior representante da igreja católica Santo Antônio do Curral Grande, devido eles serem amigos sempre estava debatendo sobre assuntos ligados a bíblia, Evangelista chegou a propor a Zeca que marcassem um dia para fazerem uma reunião para conversarem sobre a palavra de Deus. Mas este dia nunca chegava, neste período construíram uma quadra em Curral Grande, e fizeram uma festa nele, a partir desta festa começou a brotar dentro de Zeca um desejo de fazer um evento evangélico, e começou a perguntar se algumas pessoas o ajudariam, perguntou a Damião, Ronaldo, que eram pessoas que sempre organizavam eventos na comunidade, e Evangelista que era o presidente da associação dos moradores do Curral Grande, da qual falaremos a respeito dela mais adiante. Partir daí Zeca começou a buscar patrocínios com fazendeiros, na câmara municipal de Itapororoca, entre outras pessoas que colaboraram para este evento acontecer. Quando este evento começou a ser planejado segundo Zeca, muitas pessoas ficavam dizendo que não iria dá certo, que seria um fracasso, ninguém iria. Para este evento, foi convidado o pastor da Universal da qual Zeca era membro, a pastora Maria Aparecida representando a Igreja evangélica Cristo Vive e Evangelista representando a igreja católica de Curral Grande, e algumas atrações musicais. Este foi o primeiro evento evangélico no Curral grande, e para a surpresa de muitos, houve um número considerável de pessoas, nesta noite Evangelista recebeu uma oportunidade para dá uma saudação, chegando a se emocionar ao termino do evento. Zeca recebeu muitos elogios pelo evento ocorrido, segundo o mesmo, este evento deu uma nova visão às pessoas, no sentido de ver que era bem diferente do que se imaginava dos evangélicos, quebrando uma visão preconceituosa.

Figura 5- Foto do Evento evangélico realizado na quadra



Fonte: Acervo pessoal Evangelista

Quando Zeca estava na Universal fazia juntamente com outros evangélicos da mesma igreja, um trabalho evangelístico no Curral Grande, indo aos domingos à noite levar a palavra de Deus em alguma casa que aceita. No sítio Cipoal que é vizinho do Curral Grande, tem uma igreja evangélica chamada Cristo Vive, e o pessoal estava fazendo um trabalho de evangelismo semelhante ao de Zeca, o pastor que é o responsável o então Bispo Severino Costa de Lima (Biba), quando aconteceu o evento no Curral grande ele estava no Rio de Janeiro, e ao chegar soube do ocorrido e quando encontrou Zeca começaram a falar do ocorrido, e propôs a Zeca fazerem uma parceria para juntos *evangelizar*⁶ o Curral Grande, haja vista que Zeca mora no local e já tinha começado este trabalho. Como dito, o Curral

⁶ Pregar o Evangelho a; apostolar, pregar. (Miniaurélio Eletrônico versão 5.12)

Grande era conhecido por ser um sítio fechado para o evangélico (os crentes), devido ao contexto em que este sítio foi constituído. Zeca aceitou o convite e juntos começaram a realizar o trabalho evangelístico toda segunda feira à noite, ele conseguia as casas e o pessoal da igreja Cristo Vive vinham para juntos fazerem o trabalho evangelístico, juntos segundo Zeca conseguiram segundo ele evangelizar quase todas as casas do Curral Grande. Deste evangelismo houve aproximadamente cerca de 40 conversões ao protestantismo, as pessoas começaram a gostar dos trabalhos, tendo um bom aceite da população, devido ser uma novidade sempre dava um bom número de pessoas nas casas.

Figura 6 – Foto do Evangelismo no Sítio Curral Grande



Fonte: Acervo pessoal do autor

Zeca ainda permaneceu na igreja Universal por tempo, e depois passou a ser membro da igreja Cristo Vive, por causa dos trabalhos que estavam fazendo e por que a igreja Cristo Vive fica muito perto de sua casa, não só ele como os outros que iam com ele para a Universal, a exemplo de Viola. De acordo com Zeca, hoje está mais difícil de conseguir uma casa para evangelizar, pois, existe uma força maior por trás que impede que as pessoas aceitem o evangelismo, ele faz esta afirmação por ter ido perguntar em algumas casas se aceitavam o evangelismo e as pessoas dizem que por pertencerem à determinada organização dentro da igreja católica, não poderiam aceitar. Atualmente, não se tem o mesmo número de pessoas, alguns jovens que tinham aceitado não estão mais indo. Todos os anos, Zeca

juntamente com a igreja Cristo Vive, realizam o evento evangélico na quadra, sendo que a cada ano vai aumentando o número de pessoas.

O fato mais marcante destes evangelismos foi à conversão de Evangelista, um dos mais influentes da igreja católica do Curral Grande. Quando criança estudava com Dona Nita, e esta por ver que tinha um desenvolvimento diferenciado das demais crianças colocou-o para ajudar nas missas. Seus pais como os demais moradores sempre iam às missas e incentivavam seus filhos a estarem presentes. O padre José Paulo na época ao ver que ele tinha esta desenvoltura começou a incentiva-lo, fazer a primeira leitura nas missas, fez crisma, primeira comunhão, o padre chegou a oferecer estudos para ele ser um padre, mas, acabou por não aceitar. Sua vida religiosa começou em 1975, aos 11 anos de idade, e em 1987 mais ou menos começou a dirigir os trabalhos organizativos da igreja, como o mês mariano, que é os terços que acontecem durante todo o mês de maio em homenagem a Maria mãe de Jesus. Logo após, passou a ser dirigente dos batismos, dando instruções para os pais e padrinhos das crianças que iriam ser batizados. Evangelista era o principal representante da igreja, tendo total apoio da comunidade, devido todo este apoio chegou em 2004 a ser o presidente da associação dos moradores do Curral Grande.

Quando Zeca e os demais começaram a frequentar a igreja Universal, foi como uma afronta às pessoas da comunidade, dentre essas pessoas se encontrava o líder comunitário Evangelista, “eu achava uma falta de respeito com a comunidade, pois todos moraram na comunidade, nas terras do padre, e agora querem ser crentes, era uma afronta” (Evangelista). Evangelista sempre que encontrava com Zeca entrava em discussões bíblicas, debates, segundo ele, recebiam instruções do padre para não se misturarem com os crentes, usando textos bíblicos pelo qual diziam que eram falsos profetas, enganadores. Sempre que conversava com Zeca do qual tinha uma amizade, sempre ficavam dentro dele algumas interrogações, e começava a perceber que algumas coisas que fazia não estavam de acordo com o que ele estava lendo na bíblia.

Quando houve o primeiro evento que Zeca realizou na quadra em 2009, Evangelista teve uma oportunidade como representante da igreja católica para dar uma saudação, mas, ainda continuava achando que tudo era ilusão e falso, e que a bíblia católica era diferente. Em março de 2010, teve o segundo evento e novamente ele teve outra oportunidade, da qual leu um versículo bíblico, e segundo o mesmo, aquela leitura ficou dentro dele até o mês de dezembro. Devido os debates que sempre tinha com Zeca, ele foi começando a perceber que

estava fazendo coisas que não condizia com o que lia na bíblia, e aos poucos foi se afastando dos trabalhos da igreja católica, não tendo mais uma assiduidade, e não praticando alguns rituais, começando a receber algumas críticas. Mais ou menos entre Novembro e Dezembro de 2010, houve na igreja do Curral Grande um furto de um cálice, do qual foi comunicado ao padre da igreja de Itapororoca, ele é quem celebra as missas no Curral Grande, quando foi à noite na missa, Evangelista pediu para quem tivesse tirado o cálice devolvesse, pois poderia prejudicar alguém ou fazer julgamentos errados, e o padre ao receber a oportunidade para falar, disse que era fácil de saber, pois, só tinha duas pessoas que ficava com a chave, e uma destas era Evangelista, e isso o magoou. Este ocorrido foi no sábado à noite, no domingo seguinte o senhor Joãozinho foi até a casa de Evangelista comunicar que o cálice havia sido deixado em sua porta pela noite, tentaram comunicar ao padre, mas, devido a problemas de comunicação não foi possível. Na segunda feira de manhã, Evangelista foi juntamente com o senhor Joãozinho comunicarem ao padre, que reclamou por não terem avisado antes. Na mesma semana houve uma missa e Evangelista pediu para quem tivesse levado o cálice, procurasse uma pessoa de confiança e dissesse o porquê do furto, e pedisse perdão, para não acusarem a ninguém, a pessoa que furtou confessou ao padre o que havia feito, mas não se sabe quem foi o autor deste fato haja vista ter sido uma confissão.

Essas coisas iam aos poucos afastando Evangelista da igreja, e em Dezembro do mesmo ano, Zeca comunicou a ele que iria haver um evangelismo na casa de Viola, e Evangelista pela primeira vez iria participar, mas, ele já ia decidido do que iria fazer,

“quando cheguei a mais ou menos sem metros da casa de Viola parei, e vi as pessoas que já estavam, quando começou o louvor eu caí em choro, hora pensava em desistir e hora em ir, foi quando resolvi voltar, nessa hora vinha uma moto e me clareou, e decidi ir, eu não fui com os meus pés no chão, algo me levou, quando cheguei, todos pararam, o rapaz que estava tocando parou, depois me convidaram a sentar”. (Evangelista)

Segundo relatos de alguns que estavam nesta noite no evangelismo, a chegada de Evangelista foi uma das maiores surpresas que houve, havendo por espaço de tempo apenas o silêncio e aquela cena. O trabalho que estavam fazendo de evangelismo prosseguiu e Evangelista depois foi questionado por Ailza, uma das ouvintes, o que ele estava fazendo ali sendo um líder religioso, depois ele teve uma oportunidade para falar. No final, o pastor Severino perguntou se alguém queria se decidir por seguir o evangelho, ser crente, e Evangelista levantou a mão e disse que a partir daquele dia queria ser evangélico, e ser membro da igreja Cristo Vive, quando fez isto, Ailza disse: “quer dizer tudo o que o senhor

tinha dito na igreja católica até agora era mentira, não presta mais?”. Depois de 35 anos na igreja católica de Curral Grande, Evangelista passa a ser evangélico, e isso soou como uma traição para a grande maioria das pessoas, posto que ele fosse um líder dentro da igreja católica.

No dia seguinte foi uma rejeição total pelos os que faziam parte da igreja católica,

“A partir daquele momento, aquilo que eu fazia no altar e dizia e todos aplaudiam, e ninguém questionava o que eu dizia ou fazia, a partir do momento que eu me converti, eu passei a ser um mentiroso, ninguém acreditava mais em mim, pois, eu era um crente agora, todos poderiam se converter menos eu” (Evangelista).

Dona Nita chegou a perguntar o porquê ele tinha saído, se alguém tinha iludido ele, que tinha sentido sua ausência, mas, achava que ele iria voltar. Depois de sua conversão, Evangelista não tinha mais uma visão de líder comunitário, de presidente de associação, o que ele tinha feito soava como uma traição, pois, tinha violado os princípios cristãos, tendo uma transformação em sua convivência na comunidade. Segundo o mesmo, houve um evento na quadra da igreja católica, era uma festa do grupo Vida Nova. Este grupo tinha sido formado quando Evangelista participava, e os organizadores o convidaram para participar, levando uma palavra. Quando comunicaram ao padre, ele disse que não era bom, para não se “misturar com essa gente”, e os organizadores disseram que ele podia ir, mas, não receberia oportunidade. Mas ele não foi.

Certa vez, Evangelista estava construindo uma casa para seu filho, e surgiu o boato na comunidade que era uma igreja evangélica, e este boato chegou aos ouvidos do padre de Itapororoca, e quando este encontrou com Evangelista certa vez no caminho, foi indagar se estes boatos eram verdades, e ele respondeu que era mentira. Já faz quatro anos que Evangelista passou a ser evangélico, e aos poucos as pessoas voltaram a ter uma boa relação com ele, mas ainda têm pessoas que ainda não aceitaram, todavia, ele ainda representa uma grande influência na comunidade.

Dona Turi é uma das mulheres mais influentes dentro da igreja do Curral Grande, desde criança que começou a frequentar a igreja com seus pais, como as demais crianças sempre recebiam os ensinamentos religiosos. Com um tempo depois passou a fazer parte das mulheres que cantavam louvores na hora da missa, segundo a mesma, o padre Antônio ensinava os cânticos da missa para elas, os mesmos eram cantados em latim, e elas não

compreendiam o que estavam cantando, assim como também não compreendiam o que o padre falava durante a missa, pois, celebrava em latim, elas apenas decoravam os cânticos. O padre Antônio celebrava as missas de costa para as pessoas e de frente para o altar, só após sua morte, segundo dona Turi, foi que o padre José Paulo passou a celebrar e a fazer os cânticos em português, e as pessoas passaram a compreender o que o padre dizia. Ela faz parte de um grupo chamado Legião de Maria, grupo este formado a mais ou menos dez anos, ela foi convidada para ser a presidente, mas não aceitou. Este grupo é de grande importância na igreja e na comunidade, apenas uma ou duas pessoas passaram a ser evangélicas, mas as demais continuaram fiéis. A primeira pessoa que ouviu falar que era evangélico no Curral Grande foi Zeca,

“Foi uma grande novidade, ave Maria, até hoje, mesmo, tu viu? Passou pra tal igreja, todo mundo comentava, ninguém nunca tinha visto falar em crente, tinha em Itaporoca, mas aqui não. Agora quando Evangelista passou ai que foi comentário ave Maria” (Turi).

Tinha apenas de acordo ela comentários, e não diferença, a grande revolta foi porque ele não avisou que estava indo para outra igreja, o padre perguntava por Evangelista e ninguém sabia o que dizer. “Nós ficamos revoltados por que ele não avisou e depois que foi pra igreja disse que nunca tinha conhecido Deus, e agente vivia no pecado e ele tinha encontrado Deus, e agente viviam ali todos juntos” (Claudia).

Atualmente alguns dos que tinham se convertido ao evangelho, ou seja, passado a serem crentes, não frequentam mais a igreja Cristo Vive, na maioria são jovens, estes sempre são citados seja por líderes da igreja católica como pela evangélica como pessoas que não tem muito compromisso com a igreja. Esta fala, sempre surgiu dos mais velhos que dizem que em tempos passados os jovens tinham mais interesse pelos trabalhos religiosos e respeitavam as tradições. Quando estive na festa de comemoração do aniversário dos 70 anos da igreja Santo Antônio em Curral grande em 15/06/2013, um dos senhores que estava na celebração da missa comentou que “nos anos anteriores era muito mais bonito, pois, tinha muito mais pessoas, ao ponto da missa ser celebrada fora da igreja, e hoje as pessoas mudaram, ficam do lado de fora, não respeitam a hora da missa, tá muito mudado” (Morador). No lado de fora da igreja estavam aproximadamente uns dez homens, e nem se importavam com a missa que estava acontecendo, do lado de fora estava um comentário entre alguns sobre o show de louvor que iria acontecer após o término da missa no ginásio que fica a poucos metros, e por ser chamado de show de louvor achavam que era um grupo musical evangélico, e ficaram

debatendo entre se era certo, festa católica e um grupo musical evangélico vieram tocar, mas quem fez o show naquela noite foi um grupo musical católico, mas como eles não sabiam ficaram comentando.

Podemos tomar como forma de contraste no que tange a religiosidade o sítio Cipoal que é vizinho do Curral Grande, segundo a agente comunitária de saúde Raquel Silva Santos, o Cipoal em 2014 estava com 380 habitantes e 110 famílias. Como nos demais sítios a população católica era predominante, fato este que começou a mudar no final dos anos 80 quando surgiram nesta comunidade os primeiros evangélicos. Tudo começou com José Mariano da Silva, natural do mesmo, filho de Dona Maria e José Novo como são conhecidos, José Mariano fazia visitas em uma igreja evangélica na cidade de Itapororoca/PB, e pediu a seus pais para fazer um culto em sua residência, os seus pais permitiram, veio o irmão Djalma que segundo algumas informações pertenciam à igreja Assembleia de Deus, e pela primeira vez foi feito um culto no Cipoal. Foi uma novidade que chamou a atenção de muitas pessoas e causou muitos comentários, muitas pessoas falavam mal, dentre estes estava os filhos e filhas de Severino Ribeiro que iam jogar pedras, mangar, tentar atrapalhar, mas que depois viria a ser de grande importância na conversão de pessoas no Cipoal. Contudo, ainda fizeram alguns cultos nesta residência depois pararam, no entanto, nenhuma pessoa se converteu.

Certo tempo depois Lucia, uma das filhas de Severino Ribeiro ex-morador da fazenda Curral Grande, tinha se convertido no Rio de Janeiro e mandava para sua irmã Aparecida o novo testamento e algumas literaturas com o evangelho para ela ler, esta foi aos poucos ganhando conhecimento e com um tempo veio a se converter ao evangelho. Aparecida neste período estava morando na casa de seu irmão em Itapororoca, ela veio para o Cipoal e começou a pregar o evangelho, segundo a mesma algumas pessoas começaram a chamar de doida, entre outros comentários, mas, ela continuou e outras pessoas de sua família vieram a se converter, com um tempo depois entraram em contato com uma mulher chamada de Dora que era evangélica e participava de uma igreja chamada Vencendo Pela Fé, para que ela trouxesse o pastor para fazer cultos em sua residência. Eles comeram a fazerem os cultos na garagem de Severino Ribeiro e iam para Mamanguape onde era a igreja. Certo tempo depois uma filha de Severino que estava no Rio de Janeiro Josefa (Zeza) ao chegar trouxe algumas gravações de pregações bíblicas do Apostolo Miguel Ângelo, fundador da igreja Cristo Vive. Nestas gravações o Apostolo mostrava que para servir a Deus não era necessário seguir algumas regras como: não cortar o cabelo, não pintar as unhas, usar brincos, entre outras coisas que a igreja onde Aparecida e os demais se encontravam exigiam que fizesse, era um

novo evangelho, o da graça de Deus, onde não era mais necessário seguir estes preceitos. Esta nova forma de seguir o evangelho ao primeiro momento foi recusado, mas, depois as pessoas aderiram a este evangelho da graça e acabaram por sair da igreja Vencendo pela Fé, ficando apenas a família de Antônio Ribeiro, filho de Severino Ribeiro. Após saírem da igreja Vencendo Pela Fé começaram a se reunirem sem nenhuma liderança, Aparecida e Lúcia foram para o Rio de Janeiro para falarem com o Apostolo Miguel Ângelo, e este propôs que fizessem uma igreja e afiliasse a sua igreja, ao retornarem falaram da proposta aos demais, todos aceitaram e começaram planejar a construção da igreja. Severino Costa de Lima que era um dos crentes que havia saído foi até ao Rio de Janeiro para conversar com Miguel Ângelo, que ao ver que Severino tinha conhecimento da palavra, Miguel Ângelo disse que Deus tinha tocado em seu coração e já o ungiu a pastor. Continuaram a realizar os cultos na garagem e certo tempo depois construíram a igreja, depois Severino Costa de Lima foi ungido a Bispo. Atualmente, a igreja Cristo Vive se encontra em Cipoal, no sitio Coatigereba, e na cidade de Itapororoca. A família de Severino Ribeiro ficou conhecida como os precursores do evangelho no Cipoal, como a família de Severino Ribeiro era grande e quase todos os filhos participavam, a igreja ficou conhecida como a igreja de Severino Ribeiro. Um ex-morador da fazenda Curral Grande veio a ser o precursor de uma transformação no Cipoal, é nesta igreja que os crentes do Curral grande congregam. O evangelho foi expandindo-se no Cipoal e atualmente se tem um grande número de crentes, no Cipoal além da igreja Cristo Vive foi inaugurada em 22/12/2013 uma igreja Assembleia de Deus, somando duas igrejas evangélicas no mesmo sitio. No Cipoal não tem nenhuma capela ou igreja católica, não tem ninguém que reze os terços de maio como há nos sítios vizinhos, não tem celebração de missas todos os meses, não há nenhum grupo jovem católico, as pessoas que não participam de nenhuma das duas igrejas evangélicas, não frequentam nenhuma outra.

O catolicismo no Cipoal ao contrário do Curral Grande é pouco divulgado, fato este que se deu por que nunca se implantou nenhuma igreja católica, há alguns anos atrás formaram um grupo jovem católico no cipoal, entretanto, aos poucos foi se dissipando ao ponto de acabar, quando este existia, todos os meses o padre Penedo de Curral de Cima-PB celebrava uma missa, mas o número de pessoas era muito pouco, chegando ao ponto do padre não celebrar a missa por falta de publico, ficando explicito assim, a grande influência da igreja evangélica nesta comunidade, fato contrastante com o Curral grande. Os lideres do grupo jovem católico que existia hoje fazem parte da igreja Cristo Vive, assim como outros membros que participam de outras denominações evangélicas.

2.4. O ASSOCIATIVISMO NA COMUNIDADE

No ano de 1998 começa a brotar nos moradores um desejo de busca por seus direitos e benefícios para sua comunidade. Foi a partir deste desejo de mudança que se reuniram para formar uma associação. Um dos principais membros representantes da comunidade era o senhor João da Costa Hermínio (Evangelista), um dos moradores da fazenda sendo natural da mesma, o seu pai quando solteiro saiu de sua moradia no sítio Ingá do município de Itapororoca - PB para trabalhar na fazenda, onde se casou e constituiu sua família. Evangelista não chegou a ser um trabalhador da fazenda, segundo ele, na época em que seu pai trabalhava quem não podia pagar o foro (arrendamento) dava uma diária de graça para a fazenda, ele chegou a ir algumas vezes trabalhar no lugar de seu pai. Quem tinha mais condições pagava o foro, como o seu pai não tinha condições, toda semana trabalhava um dia de graça para a fazenda, seja para limpar as estradas, o cercado, ou quando tinha festa de Santo Antônio, ia limpar o caminho que dava acesso a outros sítios vizinhos para que as pessoas pudessem passar, ou em qualquer outro serviço, a diária foi extinta após a morte do padre Antônio em 1972. Quando o engenho (Foto 5) parou de moer em 1976, as casas de farinha também pararam, e não havendo mais trabalhos na fazenda os moradores começaram a trabalhar para outras pessoas fora da fazenda, e para os arrendatários de terras da mesma.

Figura 7 – Foto do Engenho Curral Grande, desativado.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Quando Evangelista foi se casar no ano de 1985 o padre já havia morrido, e os moradores que já moravam há muitos anos na fazenda já eram tidos como posseiros, e não precisavam pedir permissão para construir uma casa para um filho ou filha, desde que fosse construída no terreno onde estava a casa de seu pai. Se um morador trabalhasse em outro terreno que não fosse colado ao da sua casa ele não podia construir. Evangelista trabalhava apenas no roçado de seu pai, não tendo uma vida ativa na agricultura, quando completou seus deztoitos anos foi para João Pessoa/PB, depois foi para o Rio de Janeiro/RJ, mas foram viagens breves. Antes de o padre Antônio morrer, o padre Zé Paulo já vinha administrar, juntamente com o senhor João Madruga (Joãozinho) por um breve espaço de tempo.

Evangelista começou a participar das atividades da igreja Santo Antônio desde seus oito anos, como dito, participando do catecismo, ajudando nas celebrações da missa, e padre Zé Paulo chegou a perguntar se ele queria estudar para ser padre, mas ele não aceitou a proposta. Este padre ainda insistiu para que aceitasse apenas pelo estudo, mas ele não aceitou. Mas Evangelista continuou atuante nas atividades da igreja, sendo que tudo o que acontecia dentro da igreja era liderado por ele, sendo a segunda pessoa influente após o padre. Mesmo

depois que casou, continuou ativo nos trabalhos da igreja. Após a morte do padre Zé Paulo vieram outros padres, mas ele continuava sendo a pessoa de maior referência na igreja.

Com o incentivo da secretaria de agricultura do município e da EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), em conjunto com o Banco do Nordeste passaram a oferecer financiamentos para agricultura e para a criação de gado, principalmente caprinos e ovinos e, para isso seria necessário uma associação dos trabalhadores rurais da comunidade.

Devido a liderança que Evangelista tinha, juntamente com os outros moradores, começaram a lutar por seus direitos como agricultores, e acharam que juntos era melhor para lutarem, e para isso tinha que formar um grupo, uma associação para se fortalecerem. Em 1998, formaram a Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Curral Grade, foi feita uma reunião e escolheram por maioria para presidência Maria de Lurdes (Luana), Evangelista ficou como secretário, o seu nome foi citado para a presidência, mas, ele não aceitou. Através desta associação conseguiram um projeto de casas populares para os moradores. Por volta do ano de 2003, esta associação entrou em um período de declínio, devido a problemas relacionados a questões administrativas, com isso, os associados começaram a sair, assim como alguns que estavam na administração. E devido estes acontecimentos, acharam por bem formar outra associação, e convidaram Evangelista para ser o presidente, e dessa vez, ele aceitou.

Em 2004 foi formada outra associação, a Associação Comunitária de Desenvolvimento Rural no Curral Grande. Esta ativa até hoje, a presidência ainda é do senhor Evangelista. Sempre que têm novas eleições ele deixa o espaço para outras pessoas, mas, nenhum outro se habilita a aceitar este cargo, mudando apenas outros cargos dentro do corpo administrativo como: secretário, tesoureiro, mas, a presidência continua a mesma.

As mudanças no âmbito religioso causaram transformações na sociabilidade das pessoas do Curral Grande, não que elas deixaram de falar uma com a outra, mas é que pessoas que passaram ao protestantismo pararam de frequentar certos tipos ambientes, tido para eles lugares não apropriados para “um crente” estar e que para eles não agrada a Deus, como bares, lugar onde tem pessoas bebendo, não participam mais das missas. Eram lugares onde estas pessoas estavam juntas e não mais se tem estes encontros, estes, bem como outros pontos causaram um distanciamento entre algumas pessoas. Estes são pontos que distanciam as pessoas em um sentido de não partilharem de determinados ambientes do qual partilhavam, não vivendo mais juntos como dantes viviam. Mas independente do credo religioso, elas

buscam o bem comum para sua comunidade, lutando por melhorias para sua comunidade. Notei este fato com minhas idas a campo, e com entrevistas formais e informais com os moradores católicos e evangélicos, este fato pode ser notado na associação comunitária, que é formada por pessoas católicas e evangélicas, e o presidente mesmo após sua mudança religiosa continua a frente da presidência.

Neste período em que ele está na administração, muitos moradores foram até ele reclamar sobre os grandes arrendatários, que trabalham em grande parte das terras, segundo Evangelista, este assunto foi muito aberto e debatido entre os moradores nas reuniões da associação, mas,

“a questão é que cada um tirou seu pedaço e mora no seu setor, são moradores que moram perto um do outro, e esse pessoal que trabalha arrendado, segundo os proprietários, são eles que pagam com suas rendas os impostos da terra” (Evangelista).

Os moradores que trabalhavam em pouca terra continuaram a trabalhar nestes pequenos terrenos, os moradores que trabalhavam em um pedaço de terra maior continuaram nele, é de acordo com o que eles tinham na época. Os moradores que já trabalhavam em pedaço de terra distante de sua casa ficaram como posseiros dela. Houve alguns posseiros que não receberam sua declaração, são casos de moradores que eram trabalhadores de antigos arrendatários, que no período em que trabalhavam na terra, permitiram que seus trabalhadores fizessem casas ou trabalhassem em uma parte desta terra arrendada. E neste caso segundo Evangelista, estes moradores terão que acionar a justiça para provarem que são moradores. Segundo o mesmo, a questão é que estes arrendatários da época do padre, não tinham autoridade para dar autorização para seus trabalhadores construírem casas ou trabalhar na terra.

O problema é que quando estes arrendatários pararam de trabalhar nestas terras, os seus trabalhadores continuaram a trabalhar em pequenos terrenos que seu patrão tinha liberado para plantarem. Veio um novo arrendatário para esta terra, e dentro dessa terra existe um morador ou alguém que tem um pedaço de terra que trabalha nele, ou seja, este novo arrendatário paga o arrendamento de todo o terreno. Eles querem ser posseiros, porém, não consta que eles pagam ou moram, pois, onde eles têm seus pedaços de terra fazem parte da renda de outra pessoa. Quando presente no dia da entrega das declarações de posseiros, percebi que houve um questionamento por parte de Maria de Lurdes (ex-presidente da primeira associação), ela não tinha permitido que suas terras fossem medidas, ela questionava

que tinha direitos a uma parte da terra em que sua mãe morava. Sua mãe tinha ficado viúva e tinha se casado com um senhor conhecido como Biu de Joana, o qual teve outros filhos, e este tinha permitido que sua terra fosse medida, e Maria de Lurdes queria uma parte desta terra, alegando que era filha, por este motivo tinha direitos na parte de terra de sua mãe.

Segundo o senhor Toinho, a mais ou menos uns oito a dez anos veio um pessoal representante da Arquidiocese visitar a fazenda, Dom José Maria Pires quando era bispo e Frei Anastácio, mas não se manifestaram, já que não podem fazer nada. O padre da igreja Matriz São João Batista de Itapororoca-PB, certa vez quis receber os arrendamentos alegando que os prédios (as casas e outras construções que fazem parte da fazenda e a igreja) necessitavam de cuidados, e que no testamento dizia que tinha que manter os prédios em boas condições, chegando a receber alguns arrendamentos. Quando um representante do usufrutuário veio receber os arrendamentos, soube que o padre já havia recebido, este conversou com o padre e explicou que ele não tinha o direito de receber o dinheiro dos arrendamentos, mesmo que seja para melhorias da igreja ou qualquer outra coisa. Ele só poderia questionar ou entrar na justiça se por um acaso os prédios da fazenda estivesse em mau estado, haja vista no testamento constar que os usufrutuários têm que manter os prédios em boas condições. Na fazenda tem uma casa a qual, o padre se hospedava, tem a igreja, uma casa grande onde o senhor Tico morava que agora é a moradia de seu filho o senhor Toinho, em outra casa próxima, mora o senhor Joãozinho (ex administrador), o engenho ainda está de pé, mas não tem maquinários no mesmo.

2.5 AS DECLARAÇÕES DE POSSEIROS

Com as declarações, ficava mais fácil para os moradores ou filho de morador conseguir algum benefício, haja vista na mesma comprovar que eram moradores da fazenda.

Figura 8 – Foto da Reunião na Igreja Santo Antônio para tratar dos problemas das assinaturas



Fonte: Silva Neto, 2014.

Um dos grandes influentes nesse processo de medições das terras foi José Inácio, este é um dos grandes arrendatários das terras da fazenda, como ele tinha sido presidente da ASPLAN (Associação dos plantadores de cana-de-açúcar da Paraíba) teve facilidade para conseguir os profissionais para medir as terras. Já que a associação não tinha condições financeiras para fazer as medições. Foi feita uma reunião na ASPLAN em João Pessoa-PB, onde contou com a presença de Evangelista, (presidente da associação do Curral Grande) Rodrigo Carvalho (vereador da cidade de Itapororoca), José João (presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Mamanguape), os genros do usufrutuário, o pároco da Igreja Matriz de Itapororoca, os moradores, onde foi debatido o assunto das medições. E por fim, devido as reivindicações dos moradores, o usufrutuário da fazenda juntamente com o principal arrendatário acabaram por fazer as medições dos lotes dos moradores e emitir as declarações de cada morador como posseiro. Certo cidadão tinha feito há pouco tempo antes das declarações uma casa nas terras de um 9º arrendatário que possui um bom número de terras arrendadas, Evangelista não soube informar se ele é tido como um posseiro ou um arrendatário. Na época das entregas das declarações, Evangelista disse que ele tinha trazido os documentos para fazer uma declaração para o mesmo, todavia, não foi feito, mas, Evangelista acha que ele já deve ter a sua declaração. Devido este ocorrido, alguns associados chegaram a

reclamar, mas, depois acabaram por entender que não tinha nada a ver com esta situação, e não tinha como impedir, pois, cada um tinha o seu terreno com sua declaração. E por fim, no testamento dizia que as terras pertenceriam a Auxiliadora e ao senhor Antônio, e depois da Arquidiocese, se fosse o caso das terras depois fossem ser repartido entre os moradores, ai sim, eles teriam o direito de reclamarem.

No que diz respeito a questões de terra e sociais no Curral Grande, os moradores lutam juntos por seus direitos e melhorias, as questões religiosas não tem influência. Segundo Silva Neto 2014, a concentração de terras de arrendamentos constitui a principal característica da reforma agrária na Fazenda Curral Grande, devido esta má distribuição das terras, traz benefícios apenas a alguns produtores mais capitalizados, dando uma retratação a agricultura familiar.

Devido a pouca disponibilidade de terra e a falta de assistência técnica a estes trabalhadores, o que produzem não atende as necessidades básicas da maioria da população contribuindo para o êxodo rural e para a prática de trabalhos, muitas vezes, desgastantes. (SILVA NETO, 2014, p.48).

Com os arrendamentos a oferta de trabalho diminuiu para os posseiros, além do mais, estes arrendamentos são em áreas mais propicias ao cultivo, enquanto os moradores tem que fazer seus roçados em terrenos com desníveis,

De acordo com entrevista ao irmão do usufrutuário da terra e ex-administrador da fazenda Curral Grande, os arrendamentos são feitos em contratos de 5 (cinco) anos podendo estes serem renovados pelo mesmo período, onde a forma de pagamento é feito anualmente, de acordo com o preço da tonelada da cana, onde o valor pago pela renda da terra é o equivalente a seis toneladas de cana por cada hectare de terra arrendada (SILVA NETO, 2014, p. 52).

Mesmo estes arrendamentos sendo uma fonte rentável para o usufrutuário e o arrendatário, não constitui uma fonte de trabalho, posto que as lavouras de cana-de-açúcar e abacaxi que as principais plantações dos terrenos arrendados não necessitam de muita mão de obra.

Na declaração consta o tamanho da terra que está ao redor da casa de cada morador, se este morador tem outro terreno que é em outra parte da fazenda, foi feito outra declaração.

“O morador vai ter um papel assinado pelo administrador da terra, por que praticamente o senhor Antônio é o administrador, já que essa fazenda é de usufruto, e não pode ser vendido nunca, ele não pode dar, mas mostra que o morador trabalha e mora na terra” (José Francelino).

Alguns moradores não depositam confiança nestas declarações, é o que diz uma moradora:

“Disseram que esse papel ia ser como o papel do INCRA, mas agente acha que não é como o papel do INCRA. É apenas uma assinatura. Pois, todo tempo que a Arquidiocese tomar conta faz o que quiser” (Severina).

Figura 9 – Foto do Senhor Antônio Madruga entregando a **declaração de posse** ao antigo administrador da Fazenda, o senhor João Madruga.



Fonte: Silva Neto, 2014.

Dona Severina, ela é filha do senhor Oscar Narciso, seu pai chegou para morar na fazenda Curral Grande no ano de 1965, o senhor Oscar morava no sítio Outeiro que pertence ao município de Curral de Cima-PB, este sítio é vizinho da fazenda Curral Grande. Ele comprou a posse que pertencia ao senhor Bau que era vaqueiro da fazenda. Segundo dona Severina eles pagavam o foro e um dia por ano trabalhavam para a fazenda, depois que o padre Antônio morreu não se pagou mais a diária anual, mas continuaram a pagar o foro. O

senhor Oscar quando veio morar nesta localidade tinha ao todo onze filhos, destes, seis se casaram e moram nas terras da fazenda.

Dona Severina casou-se com o senhor Valdomiro, natural da comunidade e filho do senhor Francisco Fortunato e da senhora Josefa Amélia, ambos naturais da mesma. O senhor Francisco teve seis filhos e quatro filhas, destes apenas três estão vivos, apenas o senhor Valdomiro mora na terra que pertence à fazenda. Segundo o senhor Valdomiro, seu pai trabalhava nas lavouras de cana-de-açúcar da fazenda, quem administrava na época era o senhor Eptácio Madruga, quando passou a administração para o senhor Tico ele já tinha falecido. Na época da administração do senhor Tico, o senhor Valdomiro trabalhava cambitando cana com os cavalos e burros para o engenho, e na época que não tinha moagem no engenho trabalhava nas plantações de feijão, milho, mandioca entre outras. Segundo ele, trabalhava de segunda à sexta, e por vezes no sábado, durante a semana se pagava um dia de diária para a fazenda, ou seja, um dia de trabalho para a fazenda sem ganhar. Depois passou a pagar o foro, ou seja, o arrendamento da terra, como ele morava na terra que pertencia a seu sogro, ele pagava a seu sogro e este pagava ao administrador.

Depois, na administração de Antônio Madruga foi que estes pequenos moradores pararam de pagar o arrendamento. O senhor Valdomiro todos os sábados levava no cavalo uma carga com feijão, macaxeira, farinha, batata, entre outras coisas, para o padre Antônio e outras pessoas. Na volta trazia as compras que o senhor Tico fazia. Valdomiro gostava destas viagens por que sempre recebia uma gorjeta. Quando sua mãe era viva, tinha pedido ao senhor Antônio Madruga para ser padrinho de Valdomiro, e este aceitou. O tempo passou e ele conheceu dona Severina, e resolveram se casar, neste período o senhor Tico e o padre já havia falecido, e quem estava administrando era o senhor Antônio Madruga esposo de Auxiliadora herdeira das terras.

Devido o ocorrido do testamento, não estava sendo permitido construir mais casas na terra, Valdomiro foi até o sitio Tarama onde reside o senhor Antônio Madruga pedir a permissão para construir sua casa, ele falou que não estava mais permitindo, mas por ele ser seu afilhado iria deixar. Nota-se nesta passagem o quanto a questão do apadrinhamento tanto naquele tempo como hoje é forte nas relações entre as pessoas.

Logo nos primeiros anos após a morte do padre, era difícil fazer com que algum projeto governamental viesse para a comunidade de Curral Grande. Devido o testamento, por volta do ano de 1976, segundo o senhor Toinho filho do ex-administrador Tico, o prefeito de

Itapororoca, Alceu Costa de Araújo quis fazer uma vila na fazenda Curral Grande, mas não aceitaram por que no testamento dizia que não podia vender, ou fazer qualquer outra coisa, tendo em vista que Auxiliadora e seu esposo Antônio Madruga eram apenas usufrutuários, e depois seria da Arquidiocese Paraibana, e para construir alguma coisa o estado ou município, tinha que indenizar ou receber de doação a terra, veio também um projeto de um posto médico que era para o Curral Grande, mas devido esta situação foi transferido para o sitio vizinho, o Cipoal. Em 1978, veio o colégio, mas depois de uma conversa com o então usufrutuário foi permitido construir, já que algo que iria ajudar no desenvolvimento das crianças. Mas foi cedido apenas o lugar da construção, e não a terra.

Figura 10 – Foto da Escola da Comunidade Curral Grande, construída em 1978.



Fonte: Acervo de Ivanildo Silva.

Mas agora segundo Evangelista esta mais fácil, pois, tem uma lei que da a permissão para construir, onde já foi feito uma quadra poliesportiva ao lado do colégio e uma caixa de água de um projeto municipal que abastece a comunidade, para esta construção foi apenas indenizado o posseiro.

3. SITUAÇÃO ATUAL EM CURRAL GRANDE

As famílias do Curral Grande compartilham um passado comum, que se torna importante para a propagação de relações comunitárias, pois, são descendentes de moradores que trabalhavam para a fazenda Curral Grande. A agricultura e a agropecuária são as principais atividades econômicas dos moradores, como afirma Silva Neto, (2014), essas duas atividades,

Os benefícios governamentais como aposentadoria, bolsa família, e cargos públicos (prefeitura) contribuem para a renda familiar. Estes moradores trabalham em seus lotes e ao mesmo tempo alguns são posseiros e arrendatários, outros quando não encontram oportunidade de arrendar terras na comunidade local tornam-se arrendatários em outras localidades. Alguns moradores vendem seus produtos como macaxeira, batata doce, feijão, alface, entre outros na feira de Itapororoca, alguns vão para a feira de Mamanguape. A grande maioria destas plantações é em pequenas proporções, ocupando apenas o proprietário e filhos, mas também pessoas trabalham juntas. A troca de dias de serviço com outros moradores é muito rara, ou quase inexistente, pois, os moradores não tem mais nenhuma obrigação de trabalhar todos os dias como no período que os moradores antigos tinham a obrigação de trabalharem todos os dias para a fazenda, como afirma Silva Neto, (2014),

Na fazenda “reinava” a soberania do proprietário, e a exploração dos trabalhadores era perceptível no regime de trabalho empregado na fazenda, os trabalhadores da moenda, por exemplo, iniciavam suas atividades às 2h: 00min. (manhã) e só paravam às 14h: 00min. (tarde), ou seja, 12 horas ininterruptas de trabalho, quando a carga horária estabelecida em lei são oito horas.

Outra forma de submissão pautava-se na divisão dos dias da semana para os trabalhadores, que nos dias úteis eram obrigados a trabalhar para o engenho com uma remuneração que não condizia com que trabalhavam. No sábado e no domingo os moradores trabalhavam em seus próprios roçados, (pequena porção de terra cedida pela fazenda) que, para dar conta dos mesmos estes moradores juntavam-se em mutirão trabalhando uns para os outros, em grupos a troca de dia de trabalho (SILVA NETO, 2014, p.45).

Com o fim desta obrigação, os moradores passaram a trabalhar apenas os dias que eram necessários para suprir algumas despesas com produtos industrializados ou demais, tendo assim um tempo mais para cuidar de seus roçados, ou dedicar-se apenas a eles, vivendo

da venda destes produtos vendidos nas feiras. Em outros tipos de plantação como no caso do abacaxi encontramos coesão entre irmãos que trabalham juntos, isto por que para este tipo de plantação se tem custos muito mais elevados, a começar pelo arrendamento da terra que custa mais caro. Este pode variar de acordo com as propriedades agronômicas do solo, da existência de água para irrigar no período de verão, o valor podendo alcançar aproximadamente 1.200 reais por hectare. O tempo do arrendamento para esta lavoura é de dois anos, já para a lavoura branca é de um ano, sem contar com a mão-de-obra e os produtos químicos caríssimos, assim sendo, o trabalho em conjunto se torna muito mais viável. Mas também temos pessoas que tem seus roçados sozinhos, vão também pelas condições econômicas que cada um possui para manter as despesas com mão-de-obra e com os produtos químicos. É o que relata morador Zeca que trabalha em conjunto com seu irmão Tota.

“Nós começamos a trabalhar juntos há muito tempo, por causa das despesas, agente já dividia, por exemplo, se as suas posses da para plantar seis contas e você encontrar alguém para plantar seis contas com você, já faz doze, e já vai ficar mais poucas as despesas, e foi assim que começamos, com seis contas, depois plantamos uma hectare, depois duas. Mas depois começamos a plantar cana, por que cana é o seguinte, você planta um mundo de cana e o gasto é tanto assim, você da uma limpa, joga um adubo nela e um veneno pronto, lucrou a cana. (Zeca).

Zeca e seu irmão sempre plantaram nas suas posses, essas eram de seu pai, e após sua morte eles passaram a trabalhar, eles arrendaram poucas vezes terra que não faziam parte da fazenda, por que tinham plantado cana em uma parte da terra. Não são todos moradores que plantam cana-de-açúcar, eles plantam por que possuem mais de um lote, e assim tem mais terras que outros moradores, juntando os lotes chegam a quase nove hectares. Eles mesmos que cuidam dos seus roçados, quando necessário pagam para alguém ir trabalhar com eles, não existem a troca de dias de serviços, cada um cuida do seu, Zeca lembra que seu pai existia a trocava dias de trabalho com os outros moradores, mas que isso hoje praticamente não tem. Existe um momento em que esses moradores se juntam para trabalharem no roçado do outro, é quando é o período de queimar o roçado de abacaxi, queimar abacaxi é quando o roçado está no tamanho de receber um produto químico chamado carbureto, chamam desta forma por que quando coloca este produto no olho do pé do abacaxi ele ferve, ao cair na água que tem dentro do olho, sai uma pequena fumaça. Este produto é colocado no olho do pé do abacaxi para que as frutas venham a brotar ao mesmo tempo. Para aplicar o carbureto é preciso começar por volta das 05 horas da manhã e terminar às 08 horas. Após 45 dias a fruta brota e com mais três meses e meio, está pronta para ser consumida. Por causa deste horário, o dono

do roçado chama os amigos para terminar este serviço mais rápido, assim, quem tem roçado de abacaxi troca este trabalho com o outro, mas este trabalho só é realizado mais ou menos de ano em ano, pois, depois que se planta a semente do abacaxi leva este período de tempo para receber o carbureto. Toda via, nem todos atribuem como uma troca de serviço, muitos têm como apenas uma ajuda a um amigo, haja vista alguns dos que vão ajudar não terem o mesmo tipo de lavoura. Embora não exista essa troca de dias de trabalho entre os moradores do Curral Grande, não queira dizer que não existe entre se uma troca de informações e cooperações, eles sempre estão trocando informações sobre os roçados, sobre os tipos de fertilizantes que estão usando, os produtos químicos, onde tem uma loja que vende produtos agrícolas mais baratos, trocam experiências, entre formas de cooperações.

Nestes tipos de trabalho, a predominância é masculina, como consta em Silva (2010) apud Silva Neto (2014), com sujeitos envolvidos no trabalho numa faixa etária de 26 a 80 nos. A mão-de-obra feminina no Curral Grande é rara, haja vista seu contexto histórico, cujo apenas os homens trabalhavam na fazenda, e as mulheres cuidavam apenas dos afazeres do lar. Encontramos de forma contrastante o sítio vizinho Cipoal, onde a mão-de-obra feminina é abundante, sendo requisitada para os diversos serviços na agricultura, já que é mais rentável para o contratante, pois, o pagamento das mulheres é mais barato que os dos homens, e dependendo do tipo de serviço como aplicação do fertilizante nas canas as mulheres rendem a mesma produção. Não deixemos de considerar que no Cipoal a oferta de trabalho é maior, o que proporciona uma busca por trabalhadores, principalmente para o carregamento de abacaxi, ou seja, pessoas que são contratadas para encherem os caminhões de abacaxi no roçado. As pessoas que trabalham nesta área são conhecidas como “turma do carregamento”, devido à oferta ser abundante que acaba atraindo os jovens para este tipo de trabalho. Como é um trabalho exaustivo resulta em um êxodo escolar destes jovens no Cipoal, pois eles passam a dar mais “valor” ao trabalho que aos estudos, diferentemente do Curral Grande que os jovens investem mais nos estudos por falta às vezes de trabalho. Constatamos esta realidade ao não encontrarmos no sítio Cipoal nenhuma pessoa com o nível superior, e muito poucas com o ensino médio completo, e no Curral Grande temos mais de seis pessoas com o nível superior. Este contraste se dá pela base educacional que estas crianças tiveram para chegarem e este nível, sendo hoje estes formados na maioria netos de antigos moradores. O baixo nível de escolaridade se torna um dos fatores que contribuem para a situação social e não conhecer seus direitos sobre a terra (Silva Neto, 2014).

Como visto nos capítulos anteriores, o Curral Grande passou por transformações no âmbito religioso quando começou a emergir dentro da comunidade os protestantes, o que causou uma resigna dos católicos haja vista os moradores morarem em uma propriedade pertencente a um padre. Logo de inicio houve muitos falatórios, comentários, principalmente quando João Ermínio (Evangelista) depois de mais de trinta anos nos trabalhos da igreja de Curral Grande passou a ser protestante bem como o próprio Zeca. Estes como os outros que passaram ao protestantismo receberam muitas críticas dos católicos da comunidade, mas toda esta recusa por parte de muitos foi apenas no inicio destas mudanças, atualmente essas pessoas tem um bom relacionamento entre si, e com a comunidade,

Graças a Deus eu tenho um grande carinho, respeito por este povo, e sinto que eles também tem por mim, tenho participado dos eventos que eles fazem em relação à comunidade, como dia dos pais, na quadra, na igreja, dias da mãe, quando nos convida estamos juntos, nos casamentos, quando fazemos os nossos eventos evangélico convidamos e muitos deles vem, pois muitos gostam outros não, só não tenho participado dos eventos que eles fazem no meio do ano que é do padroeiro, por não é da comunidade, como é uma comunidade para todos nós estamos juntos (Zeca).

No sentido comunitário todos tem um bom relacionamento, e sempre buscam o bem para todos, buscando sempre melhorias, é obvio que existe discordâncias entre alguns moradores, por outros motivos, mas no sentido mais amplo buscam sempre o bem da comunidade. Existe digamos que um afastamento das pessoas que são “crentes” no que diz respeito às coisas tidas como profanas para eles, como está em determinados ambientes, fazer determinadas coisas, entre outras. É o que fica explicito em certo episódio relatado por Araújo, ele conta que não tinha condições econômicas de comprar a posse de um pequeno terreno para trabalhar, e por este motivo juntou-se com um amigo e junto compraram a posse de um terreno e passaram trabalhar juntos. Mas certo tempo depois, Araújo “passou a ser crente” como é mais conhecido por aqui, e quando iam olhar juntos os roçados o seu companheiro acabava parando nos bares para beber e ficava fazendo certas brincadeiras sobre sua escolha religiosa, ele não podia sair já que estavam juntos no mesmo veiculo. Então Araújo foi ficando aborrecido com isso, e decidiu falar com o seu companheiro para que um dos dois comprasse a parte do outro, mas este já vinha lhe oferecer sua parte, e acabou que Araújo ficou com o terreno. Eles pararam de trabalhar juntos, porém a amizade continuou a mesma, não houve nenhuma implicação no que tange suas relações sociais, apenas a econômica. A opção religiosa não teve tanta implicância na cooperação econômica, estes são

fatos mais isolados, pois, as plantações são mais entre famílias, e quando não é mais individualizada com a contratação de mão de obra.

Quando Evangelista passou ao protestantismo já era o presidente da associação dos moradores do Curral Grande, segundo o mesmo foi um impacto para as pessoas, por que ele era um dos grandes influentes dentro da igreja. Fala o mesmo que no início eu foi um pouco rejeitado, como que excluído, mas com o passar do tempo, dois três anos para agora, a comunidade entendeu que não era aquilo, que não podia ser daquela forma, e hoje tem uma aceitação na comunidade como presidente da associação e representante da das pessoas,

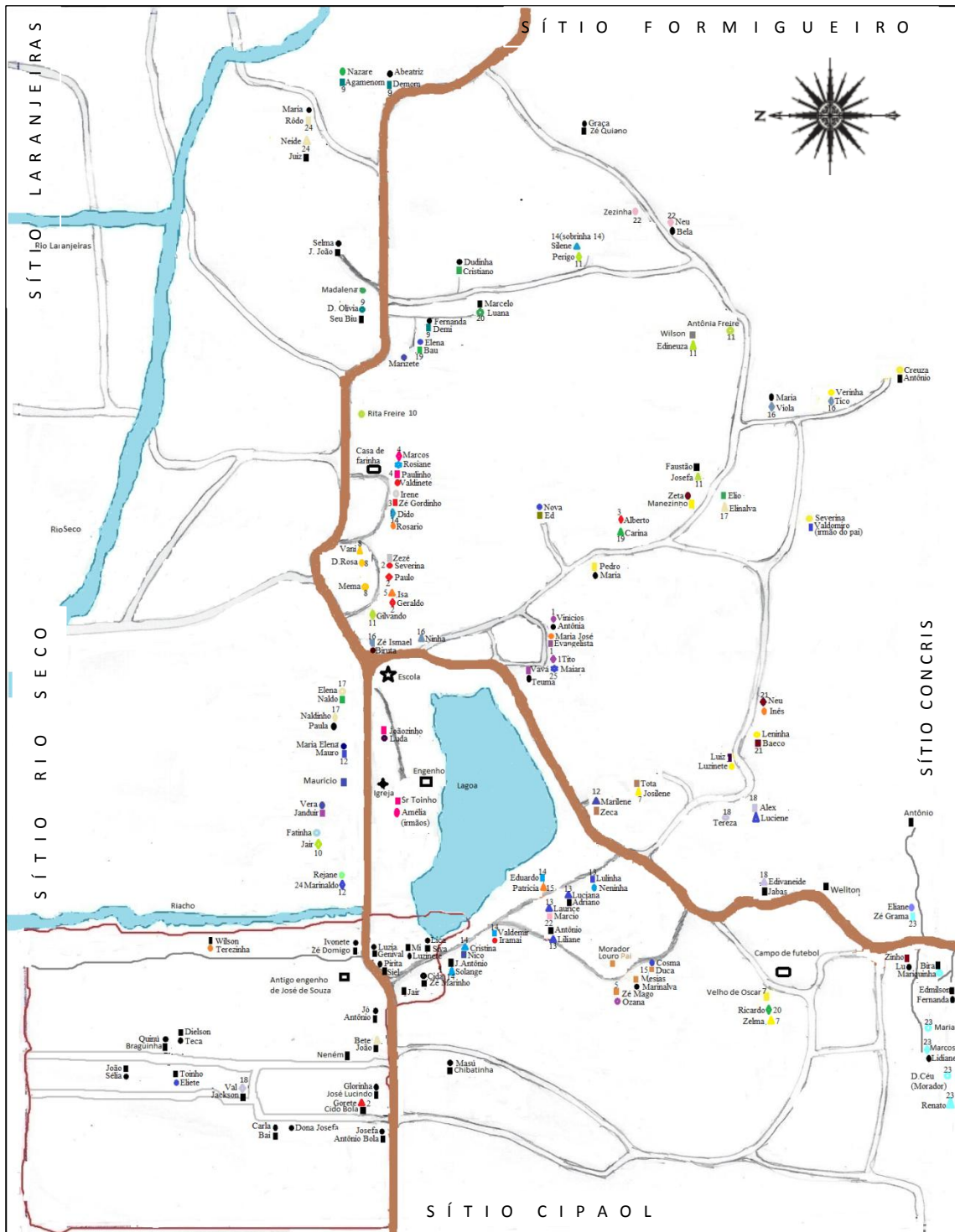
De imediato eles não entenderam, começaram a misturar a religião com a vida social dentro da comunidade, mas depois eles entenderam que não era isso, que não poderiam misturar desta forma, no início não era convidado para os eventos sociais da comunidade como festa das mães, crianças, pais, esses eventos da comunidade, e nestes últimos três quatro anos já passaram a me convidar para participar destes eventos, agora os eventos da igreja como reunião de jovens eles não convidam, e até me convidam, mas não é um dever que eu tenha que ir, da mesma forma que eu convido eles para irem para minha igreja, e alguns vão, assim como eles me convidam e eu vou, não é uma obrigação deles me convidarem (Evangelista).

É indiscutível que existam pessoas que não separam a religiosidade dos trabalhos sociais da comunidade, mas de forma mais ampla os moradores presam pelo bem comum de todos da comunidade, sem estarem presos a algum tipo de religiosidade. As reuniões da associação ocorriam mensalmente, mas infelizmente as pessoas pararam de ter assiduidade por causa de tantas promessas que autoridades e políticos davam e não cumpriam. Agora as reuniões ocorrem quando se tem uma questão a ser resolvida, tendo sempre um número considerável de pessoas nas reuniões. Atualmente a associação está lutando para conseguir melhoria no abastecimento de água na comunidade, lutam também por moradias entre tantas outras reivindicações, mas infelizmente a grande maioria dos governantes não demonstra interesse algum em ajudar os mais necessitados. Quando vai ter um evento na quadra seja no âmbito social como dias das mães, pais, reuniões da associação, sempre há uma cooperação recíproca, independente do credo religioso. Quando se trata de um evento religioso também existe esta cooperação, quando existe algum tipo de problema na igreja católica e as pessoas não sabem resolver chamam um dos moradores que é evangélico para resolver, do mesmo modo quando, por exemplo, vai ter um evento evangélico na quadra chamam alguém que faz

parte da igreja católica para ajudar na ornamentação. Sempre existe uma permuta entre os moradores na organização de algum evento independente do seu credo religioso, agora a participação das pessoas nos eventos já é menos. Segundo Manoel, um dos coordenadores da igreja Santo Antônio, quando começou estas mudanças de pessoas para o protestantismo houve um estranhamento das pessoas, mas agora segundo o mesmo não tem mais aquele estranhamento como de início.

Uma das características da comunidade de Curral Grande é a coesão que existe entre as pessoas, um dos fatores que leva a essa evidência é a incidência de casamentos entre as famílias de moradores, os quais se davam para dentro da comunidade. Podemos observar este fato na (figura 10) que ilustra a relação de casamentos, este é o mapa das terras do Curral Grande, e cada cor representa uma família de morador mais antigo, toda via estas famílias não são todas da mesma época, existe variações de ano de uma para outra, os símbolos com a mesma cor são os filhos e filhas destes moradores, na (figura 10) temos os símbolos de filho (a), neto (a), e bisneto (a), os símbolos com números iguais indicam que é o pai/mãe, filho/filha, de acordo com os símbolos sabemos quem é o pai e quem são os filhos. No mapa temos 26 cores, cada cor representa a descendência de uma família de morador mais antigo, o que indica que tínhamos aproximadamente este número de famílias morando na fazenda no período em que o padre estava governando. Este número pode vir a diminuir se for feito uma genealogia dos ascendentes, mas este foi o número aproximado que os interlocutores conseguiram lembrar. A cor preta representa as pessoas de fora, ou seja, pessoas de outros sítios ou cidade que se casou com alguma pessoa do Curral Grande. Tem casos também de alguns moradores que não querem trabalhar mais no seu lote e acabaram por venderem a posse deste terreno, eles não vendem o terreno, apenas a posse para que outro trabalhe na terra, e em alguns casos de pessoas de fora, acabam por comprarem a posse deste morador. Atualmente existe um número aproximado de 84 famílias nas terras pertencentes à fazenda, destas quatro famílias o homem e a mulher são de fora, 13 famílias, a mulher é de fora, 12 famílias o homem é de fora, no total de 29 famílias que tem uma pessoa que é de fora, e um número aproximado de 33 pessoas que não são descendentes de moradores. Restando 55 famílias onde o homem e mulher são naturais do Curral Grande, destas, 41 famílias o homem e a mulher vivem juntos e 14 são viúvos ou separados.

FIGURA 11 – Mapa da descendência das famílias da fazenda Curral Grande



LEGENDA:

- | | | |
|----------------------|--------------------|---------------------|
| ■ Filho de morador | ✚ Igreja | ● Lagoa |
| ● Filha de morador | ★ Escola | — Estrada principal |
| ▲ Neta de morador | ■ Engenho | ~ Rio |
| ◆ Neto de morador | ■ Casa de farinha | ◻ Terra particular |
| ◆ Bisneto de morador | ● Campo de futebol | |

Como ilustrado na figura 10, existe uma forte predominância das famílias de moradores, onde os casamentos entre os filhos de moradores é um ponto forte para a coesão na comunidade, à familiaridade entre as pessoas.

Mesmo com as mudanças religiosas ocorridas no Curral Grande, como visto no capítulo anterior, estas não chegaram a dividir a comunidade ao ponto de produzir nela uma cisão. Houve uma espécie de “estranhamento” com as adesões a cultos evangélicos, isto devido ao forte predomínio do catolicismo no lugar, conforme ilustrado no capítulo 2.

Segundo o professor e mestre em geografia Ivanildo, Curral Grande se encontra em condições privilegiadas com relação à economia, a sua distribuição de renda, haja vista não ter nenhuma família que passe por necessidades, que alguém esteja à margem da sociedade, a qual, a maioria das pessoas possui um veículo, tem sua casa, entre outros pontos. A base econômica do Curral Grande está na produção de subsistência, os moradores fazem suas plantações para vender na feira, programas sociais como aposentadoria, bolsa família, cujo a maioria é administrado pelas mulheres, que ajuda na renda familiar, trabalhos em prefeitura, o que faz com que se tenha uma renda bem distribuída, a cooperação de força de trabalho acontece apenas no âmbito familiar.

Em sentido geral, as relações entre famílias e vizinhos são pacíficas, quando surgem algumas questões adversas por alguns motivos, não é suficiente para afligir as boas relações, uma das bases fundamentais seria o contexto histórico e o nível educacional das pessoas, hoje o Curral Grande tem a maior ou uma das maiores escolaridade do município, tendo pessoas da própria comunidade que ensinavam as crianças antes da escola instituída chegar em 1978. O Curral Grande sempre presou pela educação, assim como a questão da religiosidade, de acordo com o professor Ivanildo, mestre em Geografia, que é filho de um dos moradores da fazenda, o Curral Grande sempre foi um sitio onde a religiosidade era predominante, mas estas mudanças religiosas que ocorreram no Curral Grande estariam ligadas a um fenômeno mundial de desligamento religioso. Segundo o mesmo, estas transformações foram:

“positiva, por que algumas famílias que viviam em conflito e se voltaram para esta religião, estão em paridade com famílias que estavam estáveis há muito tempo, esta mudança trouxe uma benevolência, e na questão social também” (Ivanildo da Silva).

Mesmo que estas famílias tenham por motivo, uma escolha no sentido religioso, uma transformação na vida social, familiar, ou em qualquer outro sentido, não quer dizer que os conflitos tenham cessado. Ou que uma escolha religiosa seja a consequência principal para

qualquer tipo de transformação. Cabe destacarmos aqui que: os moradores passaram após estas mudanças no âmbito religioso no Curral Grande, a terem uma diversidade de escolhas religiosas, não tendo apenas a prática do catolicismo como a único método possível, trazendo desta forma uma reedução do poder da igreja católica.

Podemos destacar alguns fatores como fundantes para a distinção desta comunidade em relação às demais, a escolaridade, a questão familiar, e a religiosa. Estes pontos fizeram com que o Curral Grande mantivesse este padrão social. De acordo com o professor Ivanildo, a posse da terra seria um dos pontos positivos para que os moradores tivessem uma economia bem distribuída e um bem social na comunidade.

“A posse da terra também é importante, por que todo curralgrandense tem terra, ninguém tem só um terreiro, todo mundo tem seu pedaço de terra para plantar, agora talvez não, mas na nossa formação, na nossa história evolutiva as pessoas sempre tiveram sua terra, por isso ninguém ficou na margem, pequeno ou grande trabalhavam” (Ivanildo da Silva).

A posse da terra sem dúvida é um ponto positivo, mas os moradores questionam os arrendamentos que diminuí as oportunidades de trabalho e a agricultura familiar, e que os arrendamentos tomam conta das terras mais propícias, e os moradores tem que fazer suas plantações em terrenos acidentados, ou arrendam terra aos próprios arrendatários dentro da fazenda, ou em outra localidade (SILVA NETO 2014). Estes moradores como relata o autor citado, não vivem basicamente dos trabalhos nas terras de posse, mas buscam outros meios para seu sustento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão deste trabalho, mostra-se relevante colocar em evidência algumas questões que considero centrais. Procuramos trazer todo um arcabouço histórico da fazenda Curral Grande, para através deste, chegarmos à compreensão da situação atual da referida fazenda. Partindo do princípio que o senhor da mesma era um padre, buscamos trazer as implicações que o mesmo trouxe para os moradores e a vida comunitária, equiparando-a com as demais comunidades circunvizinhas.

Após os estudos de campo, entrevistas, relatos, conversas formais e informais e baseando-se nos autores citados, foi possível afirmarmos que se trata de uma administração diferenciada dos demais senhores de engenho, haja vista este ser um pároco, tendo não apenas o senhorio de patrão, mas também de padre, como um representante de Deus. Não é apenas pelo fato de ser padre que trouxe certas influências religiosas, mas também, pela implantação de uma igreja neste lugar, trazendo grande influência na vida religiosa dos moradores. Onde, os filhos dos moradores começavam desde criança a aprenderem a respeitar os seguimentos religiosos, participando das atividades religiosas, aprendendo o que é certo e errado aos olhos de Deus. Esta base de ensino dos preceitos religiosos acarretou em uma comunidade onde praticamente todos os moradores eram católicos, aumentando o poder centralizador da igreja.

No ano de 2007, o Curral Grande começa a passar por uma transformação no sentido religioso, foi quando alguns moradores passaram a aderir ao protestantismo, o que causou uma grande repercussão dentro da comunidade. Haja vista ser uma propriedade que pertencia a um padre, e se tem uma influência muito forte do catolicismo. Estas transformações trouxeram conflitos no sentido religioso entre os moradores, mas trouxeram para eles também, escolhas religiosas, descentralizando o poder da igreja. Atualmente estes conflitos não estão tão aguçados como no início das conversões, no entanto, não quer dizer que deixaram de existir.

Outro ponto diferenciador foi à educação escolar, pois, na fazenda dispunha de professores para ensinar os filhos dos moradores, um ensino particular, e logo depois tivemos a chegada da escola instituída em 1978, cujos professores eram sempre da própria comunidade. Este aspecto contrastava com os sítios vizinhos que não possuíam um ensino particular ou público, ou seja, uma base educacional para as crianças. Os moradores iam passando para seus filhos a importância dos estudos para a ascensão, seja financeiro,

intelectual, social, estas crianças quando adultos já passaram para seus filhos o mesmo ensinamento herdado de seus pais. Como resultado desta base educacional, temos hoje no Curral Grande mais de cinco pessoas com o nível superior completo, enquanto nos sítios vizinhos, a exemplo do Cipoal não temos nenhum, percebemos assim claramente a importância de uma base educacional.

Delineado este quadro geral, entendemos que a administração da fazenda trouxe implicações para a vida dos moradores, seja no sentido social, religioso, educacional, que deu ao Curral Grande um contraste em relação aos demais sítios. Toda via, os conflitos foram fundamentais no Curral Grande, pois, deram aos moradores escolhas, no sentido religioso como também, despertou o interesse dos moradores em requerer seus direitos, em adquirirem seus documentos de declaração de posseiros. Mas não quer dizer que este processo esteja concluído, pois a terra ainda se encontra na posse do usufrutuário, aguardaremos para saber o que a Arquidiocese Paraibana irá fazer quando passar a ser a proprietária desta terra. Desta forma, não colocaremos um ponto final nesta história, apenas uma vírgula, pois como diz um velho adágio popular: essa história não acaba aqui.

REFERÊNCIAS

- FREDRIK, Bart. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2000.
- GARCIA JÚNIOR, Afrânio Raul. **O Sul: Caminho do roçado**: estratégias de reprodução camponesa e transformação social. São Paulo: Universidade de Brasília, 1989.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. **História Oral**: uma metodologia para o estudo da memória. Natal-RN, 2003.
- SILVA NETO, Manoel Joaquim da. **Arrendamentos**: Fator de risco a privatização de terras na fazenda Curral Grande, Itapororoca/PB. Monografia apresentada ao curso de licenciatura plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. 2014.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. **A viagem da volta: etnicidade, política e elaboração cultural no Nordeste indígena**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2004.
- PALMEIRA, Moacir. **Casa e trabalho**: nota sobre as relações sociais na *plantation* tradicional. Rio de Janeiro: contraponto, 1997.
- TURNER, Victor. **Dramas, Campos e Metáforas**: Ação Simbólica na Sociedade Humana. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2008.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília: Editora da UnB. 1922.
- WEBER, Max. Os Três Tipos Puros de Dominação Legítima. In: **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1956.
- WOLF, Eric R. **Antropologia e poder**. BIANCO, Bela Feldman e RIBEIRO, Gustavo Lins. (org); Universidade de Brasília. São Paulo: Unicamp, 2003.